



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**

ANDERSON THIAGO SANTANA DA SILVA

**PAULO E A PLANTAÇÃO DE IGREJAS: TRAJETÓRIA,
MOTIVAÇÕES E ESTRATÉGIAS.**

BELÉM-PARÁ

2014



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA**

ANDERSON THIAGO SANTANA DA SILVA

**PAULO E A PLANTAÇÃO DE IGREJAS: TRAJETÓRIA,
MOTIVAÇÕES E ESTRATÉGIAS.**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado como requisito final para obtenção do grau de Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial; Orientador: Prof. Drdo. Benildo Veloso da Costa.

BELÉM-PARÁ

2014

**Dados Internacionais de catalogação-na-publicação (CIP), Biblioteca John S.
Oliver / FATEBE, Belém, PA**

S586f

SILVA, Anderson Thiago Santana da

Paulo e a plantação de igrejas: Trajetória, motivações e estratégias /
Anderson Thiago Santana da Silva; Orientador: Benildo Veloso da Costa.
Belém: 2014.

57f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade Teológica
Batista Equatorial - FATEBE, Curso Bacharelado em Teologia, Belém, 2014.

1. Teologia. 2. Igrejas. 3. Evangelismo. 4. Apostolado. 5. Costa,
Benildo Veloso da. I. Título.

CDD 250

NOMINATA

MANTENEDOR DA FATEBE

Seminário Teológico Batista Equatorial – STBE

Diretor Geral

Dr. David B. Riker Ph.D.

Diretor acadêmico

Prof. Drdo. José Carlos Lima da Costa

Diretor administrativo e financeiro

Pr. Antonio Ronaldo F. de Souza

Secretária e gestora acadêmica

Profa. Sheila Gomes Carneiro de Sousa

Coordenador de pesquisa e Pós-Graduação / Coordenador de TCCs

Prof. Drdo. Élcio Sant'Anna

Coordenador acadêmico (Teologia)

Prof. Drdo. José Carlos Lima da Costa

Composição do texto

Anderson Thiago Santana da Silva



BR 316, KM 01, nº 6241. Castanheira. CEP 66645-003. Belém-PA.

Fone(s): (91) 3235-1605/1522. Fax: (91) 3245-1174.

www.fatebe.edu.br

ANDERSON THIAGO SANTANA DA SILVA

**PAULO E A PLANTAÇÃO DE IGREJAS: TRAJETÓRIA,
MOTIVAÇÕES E ESTRATÉGIAS.**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado como Requisito final para obtenção do grau de Bacharel em Teologia pela FATEBE – Faculdade Teológica Batista Equatorial/orientado pelo Prof. Drdo. Benildo Veloso da Costa.

Banca Examinadora:

1. _____
Benildo Veloso da Costa – Prof. Drdo. Orientador
2. _____
Josué Lima – Prof. Me. Avaliador
3. _____
José Antônio Mangoni – Prof. Me. Avaliador

Aprovado em: __/__/____

Conceito: ____

Louvo a Deus por essa conquista alcançada e por mais árdua e dura que fosse a batalha, sabia que o Senhor estaria presente em todo momento, louvado seja o nome precioso do nosso Senhor e salvador Jesus Cristo, o autor e consumador da nossa salvação. A Ele toda a honra e toda a Glória e louvor. Amém!

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, em primeiro lugar, a Deus, pela força e coragem que me deu durante toda esta longa caminhada, e por ter me sustentado com a sua graça e misericórdia, das quais sem, dificilmente teria concluído essa tão árdua jornada acadêmica.

À minha querida esposa, Geandria Santana pessoa com quem amo partilhar a vida. Com você tenho me sentido mais vivo de verdade. Obrigado pelo carinho, a paciência e por sua capacidade de me motivar nos momentos difíceis e ao meu belo filho Emanuel Santana que sempre me trouxe paz e alegria na correria de cada semestre.

Agradeço de forma amorosa aos meus avós, Celeste Pardal Santana e Orcival Santana, responsáveis por boa parte da minha criação e educação, tarefa que fizeram com muito amor. A minha amável mãe, Rita de Cassia Santana da Silva, que muito lutou e batalho para me proporcionar uma vida melhor, sendo para mim o grande exemplo de perseverança. Aos meus dois irmãos Cinthia Cristiane e Victor Vinicius pelo apoio e palavras de motivação. Aos meus amigos, cito José Luis Moreira que foi quem me apresentou o Senhor Jesus, sendo também meu grande companheiro de ministério. Aos colegas de classe entre eles o meu grande amigo Ulicélio Valente que me ajudou nos momentos difíceis na academia, além do meu colega de trabalho Eron Valente que muito me ajudou a conciliar os estudos com o trabalho.

A todos os colaboradores desta maravilhosa instituição chamada FATEBE, seus respeitáveis professores pelos ensinamentos oferecidos, capacitando futuros pastores, mestres e pregadores do Santo Evangelho de Deus. Professores que me auxiliaram em todo o conhecimento teológico, dando-me qualidades para servir da melhor forma possível o reino de Deus com mais dedicação a fim de que o Senhor seja honrado e glorificado por meio do meu ministério.

Ao professor Benildo Veloso da Costa responsável por me orientar na construção deste trabalho, assim como ao professor Élcio Sant'Anna, pela disponibilidade e pela paciência. Ao meu pastor, colega de classe e de ministério Dilson Neto, pelo apoio e ajuda que me deu para que eu concluísse essa graduação. E as igrejas PIB Sideral e IEBC, pois foram nesses meios que aprendi o valor da minha fé.

RESUMO

O trabalho procura explicar como o apóstolo Paulo, se tornou o maior evangelista de todos os tempos, o mesmo era um opositor ao evangelho e mais tarde, se tornara o grande expositor da mensagem de Cristo. Ao analisar sobre a vida e o ministério do apóstolo Paulo qual é o legado que ele nos deixa hoje? Quais desafios são capazes de nos calar? A abordagem procura sempre caminhar em par com o contexto da época vivido por ele, e é de extrema e essencial importância analisar a vida e o ministério dele a luz de seu contexto particular, logo, recorre a uma análise histórica e bíblica. Enfoca que o ministério do apóstolo Paulo, é e deve ser sempre o modelo de plantação de igreja, para isso é preciso fazer uma análise sobre a sua trajetória de vida, mesmo antes da sua conversão, passando pela sua preparação e vocação para o ministério apostólico, as viagens missionárias e as estratégias que usou. Para muitos estes fatores são a chave do sucesso da missão do apóstolo Paulo.

Palavras-chave: Paulo, apóstolo, ministério, plantação de igreja, viagens missionárias.

ABSTRACT

The work attempts to explain how the Apostle Paul, became the greatest evangelist of all time, it was opposed to the gospel and later became the great display of Christ's message. By analyzing on the life and ministry of the Apostle Paul which is the legacy he leaves us today? What challenges are able to shut up? The approach seeks to always walk on par with the context of the time lived by it, and is of utmost importance to analyze and essential life and his ministry the light of its particular context, then, uses a historical and biblical analysis. Focuses on the ministry of the Apostle Paul, is and should always be the church planting model, for this you need to do an analysis of your life path, even before his conversion, through their preparation and vocation to apostolic ministry the missionary journeys and strategies used. For many of these factors are key to the success of the apostle Paul's mission.

Keywords: Paul, an apostle , ministry, church planting , missionary journeys.

E eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria. Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado. E eu estive convosco em fraqueza, e em temor, e em grande tremor. E a minha palavra, e a minha pregação, não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder; Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus.

1 Co 2.1-5.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	PAULO ANTES DO CHAMADO	13
2.1	UM JUDEU ZELOSO DA CIDADE DE TARSO	13
2.2	A FORMAÇÃO JUDAICA	17
2.3	O MUNDO PRESENTE DE PAULO	22
2.3.1	Os Romanos	22
2.3.2	Os Gregos	24
2.3.3	Os Judeus.....	25
3	PAULO E O SEU CHAMADO AO MINISTÉRIO	26
3.1	A CONVERSÃO NO CAMINHO DE DAMASCO	26
3.2	A VOCAÇÃO PARA APÓSTOLO.....	32
3.3	AS VIAGENS MISSIONÁRIAS	35
4	PAULO, MODELO DE PLANTADOR DE IGREJA	49
4.1	AS MOTIVAÇÕES DE PAULO	49
4.1.1	O conhecimento da palavra de Deus	50
4.1.2	Igreja, a plenitude das promessas de Deus	50
4.1.3	A certeza do chamado de Deus	51
4.2	AS ESTRATÉGIAS DE PAULO	51
4.2.1	Paulo escolhia cidades estratégicas	52
4.2.2	Os lugares que Paulo pregava	52
4.2.3	Paulo estabelecia igrejas locais e preparava líderes	53
4.3	O DIFERENCIAL DA MENSAGEM DE PAULO.....	54
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
	BIBLIOGRAFIA	57

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, procuramos falar a respeito da vida e do ministério do apóstolo Paulo, fazendo uma viagem juntamente com ele. A perspectiva parte a luz de uma visão missionária, aprofundando-se em um contexto político romano e religioso judaico, objetivando dizer como ele passou de perseguidor para o maior ganhador de almas na história da igreja primitiva. Para se fazer uma análise a respeito é preciso se fazer uma busca em lugares longínquos como a sua cidade natal, Tarso.

Ainda há uma barreira muito grande que impede os missionários a irem trabalhar nos campos do Senhor, para muitos, apenas aqueles que têm coragem e capacidade de romper barreiras culturais, política e social são os que o Senhor chamou, ficamos acomodados esperando que Deus nos chame para o campo. Destarte, lemos nas escrituras que o Espírito Santo de Deus capacita e nos mantém firmes no campo.

A evangelização, não é um privilégio de poucos, da igreja em especial, do pastor, evangelizar é uma obra de todos nós, seja coletiva ou individualmente. Devemos anunciar o evangelho a todos mesmo sabendo que quem faz a obra é o senhor. No primeiro capítulo desse trabalho falaremos sobre a vida do apóstolo Paulo antes do chamado a pregação do evangelho, sua vida e o que ele fazia antes do seu chamado.

No segundo capítulo, falaremos sobre o seu chamado ao evangelho, sua conversão e encontro com Jesus em Damasco. Como se deu esse processo e agora se tornaria o maior anunciador das boas novas de Cristo, dando ênfase nas três grandes viagens missionárias. No terceiro e último capítulo de forma bem sistemática, falaremos sobre o seu perfil missionário, sobre quais estratégias usadas por ele e sobre quais motivações que o levaram a sofrer e a morrer por Cristo, pensando nisso é que convido você, a ler até o final esse trabalho.

2 PAULO ANTES DO CHAMADO

O homem por natureza é definitivamente tendencioso para a inclinação do sectarismo religioso, e mesmo o judaísmo com toda a sua gama de preservação cultural e religiosa não estava isenta disso. No período da era cristã, o judaísmo era dividido em inúmeras seitas e religiões. Assim como havia grupo religiosos, havia também os grupos políticos.

Na época havia pessoas que pertenciam a dois grupos distintos, sabe-se que os principais grupos era os fariseus (At 15.5), saduceus (At 5.17), herodianos (Mt 22.16), zelotes (At 1.13), sicários (AT 21.38), e até os essênios, mesmo que não encontram-se relatos a respeito dele. Cada grupo se achava superior ao outro e todos se achavam os verdadeiros intérpretes da lei, e essa era a única diferença entre eles, pois alguns seguiam à risca tudo aquilo que a lei determinava e outros desconsideravam em partes, alguns eram favoráveis ao governo romano e outros eram contra.

O apóstolo Paulo pertencia a um desses grupos e que para entender melhor o que se passará com ele é de fundamental importância entender esse grupo e assim chegar à conclusão sobre quem era Saulo de Tarso. E para isso nada melhor que contar sobre as suas raízes, a sua vida até o presente momento de seu encontro com Jesus em Damasco. Quando se estuda a biografia de Paulo, percebe-se que ele foi um homem privilegiado, tornando-se assim um homem diferenciado e doutor em suas faculdades mentais.

2.1 UM JUDEU ZELOSO DA CIDADE DE TARSO

Muitos historiadores e pesquisadores da igreja do primeiro século da era cristã ainda entram em discussão a respeito da nacionalidade de Paulo. Para muitos não se sabe se verdadeiramente Paulo era um judeu ou se apenas era um conhecedor e expoente da cultura e da língua do povo de Israel. Devido imprecisão, ignoremos o ano exato do nascimento de

Paulo. É provável que ele tenha nascido nos primeiros anos da primeira década d.C.¹, mas são insuficientes os detalhes do lugar do seu nascimento.

No entanto, pode-se afirmar que ele era um judeu, baseado em vários relatos sobre sua vida e também sobre as declarações feitas por ele mesmo acerca de sua nacionalidade. Para tanto, é preciso fazer uso de muitos aspectos relacionados aos acontecimentos pré-conversão, para se obter informações precisas a respeito de sua natureza patriarcal.

Fazendo uma pesquisa nas cartas escritas pelo apóstolo Paulo, podemos nos certificar que ele era judeu da linhagem da tribo de Benjamin (cf. Rm 11.1; Fl 3.5), isso já seria o suficiente para saber que ele era um judeu e que pertencia a linhagem de um dos filhos de Jacó. Temos indicações do próprio apóstolo, que diz: “Eu sou judeu, natural de Tarso, cidade não insignificante da Cilícia”... “da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus”. Com grande potencial socioeconômico, Lucas destaca Tarso como capital da Cilícia, com localização favorável ao extremo Sudoeste da Ásia Menor².

O seu nome hebreu, Saulo, tinha origem do primeiro rei de Israel, Saul, que era da tribo de Benjamin, um nome muito bem quisto pelos seus descendentes³. “Essa procedência era importante para a auto compreensão de Paulo, como mostra 1Co 15.8s: assim como Benjamin era o filho menor de Jacó, Paulo recebeu uma revelação do Senhor como o último e o menor dos apóstolos”⁴.

Não se sabe ao certo se Paulo possuía total cidadania de Tarso, na época imperial a cidadania tarseia poderia ser comprada. Desta forma, Paulo poderia tê-la recebido de antepassados que a compraram⁵. “A cidadania de Tarso não exclui a cidadania romana, pois uma incompatibilidade estrita entre as duas já não existia naquele tempo”⁶.

Paulo era judeu e possuía a cidadania romana, possivelmente a recebeu por intermédio de seus antepassados escravos que ganharam liberdade (cf. At 22.28)⁷. “Filon relata sobre os judeus que viviam em Roma que eram em sua maioria libertos e cidadãos romanos. Além disso, havia um grande número de judeus libertos que voltaram para a Judeia

¹ SCHNELLE, Udo. **Paulo: vida e pensamento**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 62.

² POLLOCK, John. **O Apóstolo**. São Paulo: Vida, 1998, p. 07.

³ BALL, Charles Ferguson. **A vida e a época do apóstolo Paulo**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998, p. 12.

⁴ SCHNELLE, Op. Cit., p. 62.

⁵ SCHNELLE, Ibid., p. 65.

⁶ Ibid., p. 65.

⁷ SCHNELLE, Op. Cit., p. 68.

e que possuíam a cidadania romana”⁸. Daí o motivo de um nome latino, pois, como vivia em um contexto romano, usara também a forma latina do nome, Paulo, que além de enfatizar sua cidadania, nos negócios, impressionava os gentios⁹. Paulo era um verdadeiro estrategista, sabia usar de forma espetacular as ferramentas que tinha e isso fazia dele o maior evangelista de sua época, pois agradava gregos e troianos, judeus e romanos e assim ele caminhava.

Não se sabe ao certo se Paulo era casado, mas o que se tem em mente é que no período de seu ministério ele permaneceu solteiro, por convicção, preferiu se manter celibatário. Seu pai provavelmente artesão, fabricante de tendas da onde possivelmente herdara a profissão. At 18.3, presta a informação real de que Paulo era fabricante de tendas¹⁰.

Paulo em todo o seu legado nas escrituras nada menciona sobre sua mãe, talvez por haver ela falecido quando ele ainda era criança ou simplesmente porque não teve a oportunidade de mencioná-la, tinha ele também uma irmã, mas ao certo é que poucos detalhes se sabem sobre sua família, além de que faziam parte do partido político judaico, mais fervoroso e mais rigoroso em sua submissão e obediência à lei de Moisés, o dos fariseus, zelosos em tudo não permitiriam que seus filhos se contaminassem com o mundo gentílico que estava em sua volta, às colunas dos templos pagãos dominavam o mercado¹¹.

A respeito disso John Pollock diz que:

Atenas e Roma, Babilônia e Nínive haviam combinado fundar a cidade de Tarso, e Paulo, sabendo ou não, era filho desse mundo helênico-oriental. Embora a perspectiva grega da vida influenciasse muitos judeus por todo o Mediterrâneo, essa influência parecia remota na juventude de Paulo em virtude de seus pais serem fariseus¹².

No livro de Atos, o evangelista Lucas menciona a cidade de Tarso, a capital da Cilícia, como a cidade natal do apóstolo Paulo (cf. At 9.30; 11.25), a cidade de Tarso era um centro comercial muito importante na época. “A importância socioeconômica de Tarso devia-

⁸ Ibid., p. 68.

⁹ BALL, Op. Cit., p. 12.

¹⁰ SCHNELLE, Op. Cit., p. 69.

¹¹ POLLOCK, Op. Cit., p. 08.

¹² POLLOCK, Op. Cit., P. 08

se à localização favorável da cidade”¹³, como se observa a cidade de Tarso era um centro comercial importantíssimo.

Udo Schnelle fala que:

O curso inferior do Rio Cidno era navegável e proporcionava a Tarso uma conexão com o mar aberto (cf. At 9.30). Pela cidade passava uma importante rota de comércio de Antioquia na Síria para a costa egia da Ásia Menor, e Tarso era o ponto inicial de uma rota comercial que ligava o Mar Mediterrâneo com o Mar Negro.¹⁴

Talvez pensando em tudo isso o governo romano tornou a cidade de Tarso a capital da Cilícia. A cidade era repleta de pessoas importantes que circulavam pelo seu grande centro. “Tarso era uma cidade de vida econômica e cultural florescente. Xenofonte louva Tarso como "grande e feliz", e numerosos filósofos, retóricos e poetas atuavam na cidade”¹⁵.

A cidade mantinha grande esmero pela filosofia e a todo ensino. Podia se dizer então, que Tarso era um centro de cultura helenística. Viviam ali, cilicianos naturais e hititas; gregos; assírios e persas, e macedônios. Tarso era uma composição de povos e culturas em paz sob o governo de Roma. Paulo era possivelmente membro da comunidade judaica que fora introduzida por Antíoco IV por volta de 170 a.C, quando a cidade se tornou parte do reino dos selêucidas que governaram da Síria. Estes gozavam ali de direitos e privilégios¹⁶.

No livro de Atos pode-se observar que o próprio apóstolo Paulo se denomina como oriundo da cidade de Tarso (At 21.39), ou seja, isso deixa claro que ele era de uma cidade muito importante na época e que não teria problema para ele ter acesso ao governo romano.

Mediante a tudo isso é importante mencionar que apesar de toda a influência exercida pelos romanos, Paulo não abandonou as suas origens judaicas, provavelmente como qualquer outro judeu, aprendeu a ler bem cedo a Torá. Certamente os costumes e a cultura foram todas de origem judaica, em Gálatas 1.14, Paulo diz que: “e na minha nação, quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais”, isso deixa claro que ele era um exímio zelador dos ensinamentos dados pelos seus pais.

¹³ SCHNELLE, Op. Cit., p.63.

¹⁴ Ibid., 63-64.

¹⁵ Ibid., p.64.

¹⁶ POLLOCK, Op. Cit., p. 09.

Em Atos 22.3 o apóstolo Paulo fala claramente de sua naturalidade e de seus ensinamentos farisaicos. “Eu sou judeu, nasci em Tarso da Cilícia, mas criei-me nesta cidade, e aqui fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, sendo zeloso para com Deus, assim como todos vós o sois no dia de hoje”, como se ver, ele teve formação farisaica e vivia como tal. Seu mestre Gamaliel era um importante rabi da época, extremamente respeitado por ser um excelente conhecedor das leis do AT.

Schnelle falando sobre o movimento farisaico diz que: “O objetivo do movimento farisaico era a santificação do cotidiano por meio de uma observância abrangente da Lei, sendo que a observância das prescrições rituais de pureza tinha uma especial importância também fora do templo”¹⁷.

Como se observa o apóstolo Paulo tinha essas características, ele era um fariseu e perseguia o povo de Deus, defensor da lei. A lei pode significar no AT em geral, a Tora, os dez mandamentos ou os vários códigos de conduta que identificam Israel como um povo separado num relacionamento íntimo com o eterno. Temos a ideia de que sua origem farisaica é importante para tentarmos entender os motivos de sua defesa do evangelho no futuro.

2.2 A FORMAÇÃO JUDAICA

Para que Paulo se tornasse um dos maiores teólogos do NT de sua época, ao ponto de transpassar milhares de anos, deixando sua impressionante marca na vida de todos os cristãos ao longo dos tempos e sendo para muitos o maior exemplo de plantador de igrejas ao longo de sua carreira missionária, tudo isso sem que tenha sido discípulo direto de Jesus, como foram os demais apóstolos, era necessário que Paulo tivesse uma fortificada base teológica das Escrituras até então existentes, para que no seu encontro com Jesus tudo fizesse sentido ao ponto de lhe tornarem atrativo os movimentos que até então, Saulo era perseguidor.

Faz-se necessário abordarmos alguns fatores importantes do contexto pessoal judaico de Paulo. “Embora ele, desde a infância, falasse grego, a língua franca de então, e tivesse conhecimento de latim, em casa a família falava o aramaico, a língua da Judeia, derivada do

¹⁷ SCHNELLE, Op. Cit., p. 75.

hebraico”¹⁸. Seus pais, bem cedo se preocuparam em oferecer-lhe uma excelente educação “como um verdadeiro israelita”, para que sua vida fosse inteiramente dedicada ao serviço de Deus¹⁹. “Quanto a sua vida como judeu, a exemplo de seus antepassados, Paulo se sente também na diáspora, comprometido com as tradições de sua terra-mãe Palestina”²⁰.

Ainda na juventude, Paulo aderiu ao partido dos fariseus, ele viveu conforme a Torá, a leitura e a observância de seus ensinamentos fazia parte de sua rotina, em Gl 1.14, é o próprio apóstolo Paulo que se declara como detentor e defensor das tradições farisaicas oriundas de seus antepassados, Paulo é firme em declarar: "e na minha nação, quanto ao judaísmo, avantajava-me a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais". Portanto, os pais de Paulo devem ter lhe proporcionado o melhor da educação de sua época, o conhecimento exato e a observância estrita das tradições paternas, piedade, devoção e fidelidade às tradições farisaicas. Por esse zelo não seria difícil descobrir os motivos que o levariam a tornar-se um dos maiores opositores e perseguidor da comunidade cristã.

Crê-se, conforme At 26.4, onde o apóstolo Paulo diz: “Quanto à minha vida, desde a mocidade, como decorreu desde o princípio entre o meu povo e em Jerusalém, todos os judeus a conhecem,” teria Paulo ainda bem jovem, um garoto, mudado com seus pais para Jerusalém, e sob referência de At 22.3, que diz: "...criei-me nesta cidade, aqui fui instruído aos pés de Gamaliel, segundo a exatidão da lei de nossos antepassados, sendo zeloso para com Deus”²¹.

Paulo teria recebido de Gamaliel, um dos principais mestres da Torá e prestigiado na Jerusalém de sua época, neto do mestre supremo Hillel, e que segundo At 5.34-39, pertencia, ao sínédrio, teria Paulo deli recebido os ensinamentos da tradição dos judeus²², com quem também aprendeu a destrinchar um texto até revelar inúmeras possibilidades de significados, estudou retórica, desenvolveu habilidades para debater no estilo conhecido como "diatribe".

Aprendeu igualmente a fazer uma exposição, pois, era comum os mestres, advogarem em defesa dos que quebravam as leis sagradas, ou em acusações, e era também

¹⁸ POLLOCK, Op. Cit., p. 09

¹⁹ BALL, Op. Cit., p. 11.

²⁰ SCHNELLE, Op. Cit., p. 70.

²¹ Ibid., p. 74-75.

²² Ibid., p. 76.

pregador, sua grande destreza e magnitude poderia conduzi-lo a assumir um lugar no Sinédrio²³. Schnelle falando sobre a compreensão religiosa paulina diz:

Dessa forma, o pano de fundo biográfico religioso e intelectual do pensamento paulino não pode ser definido de modo monocausal ou alternativo. Antes foi marcado por três grandes correntes de tradições: 1) o Antigo Testamento; 2) o judaísmo helenista; 3) as tradições filosófico-populares do helenismo greco-romano. Esses três âmbitos estão numa interligação múltipla e complexa e formam simultaneamente o pano de fundo e o contexto do pensamento paulino²⁴.

É possível que Paulo tenha deixado Jerusalém ainda bem jovem, quando tinha aproximadamente vinte anos e tenha regressado a sua cidade natal e ter se envolvido com os negócios da família, a fabricação de tendas, seguindo os passos de seu pai. Nas sinagogas de Tarso Paulo já demonstrava as suas habilidades, lá ele teria ensinado. Em uma de suas cartas indica que ele tinha intensa dedicação missionária²⁵.

Seria normal se seu pai demonstrasse demasiada alegria e orgulho pelo que seu filho se tornara grande conhecedor em todas as tradições farisaicas e zeloso em toda defesa de sua religião e além de tudo, que tinha ampla capacidade intelectual e que podia alçar importantes colocações em Israel. Os admiradores da religião israelita, os gentios, eram aceitos como "tementes a Deus", onde quer que estivessem adorando os judeus²⁶.

Os fariseus em particular eram a corrente mais severa da religião judaica instavam pelo conhecimento exato das Escrituras e observância das tradições particulares e das leis com o intuito de alcançar a santificação e defendiam alguns elementos teológicos presentes nas cartas que Paulo viria a escrever, como grande expectativa messiânica, além da crença na predestinação, e entendiam que o destino não eliminava a responsabilidade humana.²⁷ Eram bem vistos a onde quer que estivessem e muitos desejavam fazer parte desse grupo.

Sobre os simpatizantes do judaísmo, Pollock diz que:

Fariseus como Paulo instavam a que os tementes a Deus se fizessem prosélitos, judeus completos: deviam submeter-se ao simples, mas doloroso ritual da circuncisão, e então honrar as exigências cerimoniais e pessoais da lei em todo o seu

²³ POLLOCK, Op. Cit., p. 09.

²⁴ SCHNELLE, Op. Cit., p. 93.

²⁵ POLLOCK, Op. Cit., p. 09.

²⁶ Ibid., p. 10.

²⁷ SCHNELLE, Op. Cit., p. 75.

rigor. O fardo podia ser pesado, mas a recompensa era grande, pois ganhariam o favor de Deus²⁸.

Paulo voltou a Jerusalém quando tinha aproximadamente trinta anos. Como já dito anteriormente, não se sabe ao certo se com ou sem uma esposa. Para alguns é quase certo que ele tenha se casado, pois, além de grande compreensão do casamento, raramente judeus permaneciam solteiros, e o que tudo indica, Paulo almejava posições no sinédrio, desta forma casamento assim como a paternidade eram requisitos essenciais dos candidatos ao Sinédrio. Entretanto, não há relatos em toda trajetória de Paulo sobre uma esposa, mas talvez fosse viúvo, ou como para alguns, Paulo se preocupava mais com seu aprendizado que ainda não tivera oportunidade do matrimônio.

Ao chegar a Jerusalém Paulo pode ter tido os primeiros contatos com o movimento que Jesus de Nazaré havia iniciado. Tarso deve ter recebido ecos dos ensinamentos e das reivindicações do novo profeta e dos estranhos relatos de milagres, e até mesmo da notícia de que ele havia ressurgido dentre os mortos²⁹.

De todos os relatos sobre o apóstolo Paulo em sua trajetória antes de sua conversão a Jesus, nenhuma é mais aceita do que sua perseguição aos primeiros adeptos, até então, a mais recente crença, o cristianismo. Schnelle descreve bem as ações de Paulo:

Atos descreve o procedimento do fariseu Paulo contra a comunidade primitiva vivamente. Em Jerusalém, Paulo vai de casa em casa e manda jogar na cadeia homens e mulheres (At 8.3); ele procura a emissão de sentenças de morte contra cristãos (cf. At 22.4; 26.10) e os obriga a abjurar sua fé (cf. At 26.11)³⁰.

Ele coordena prisões contra os cristãos (At 22.19) e recebe autorização para perseguir cristãos em Damasco (cf. At 9.2). Paulo considerava um escarcéu o anúncio e propagação feita pelos discípulos e seguidores do Nazareno, de que o mesmo era o Cristo, o messias prometido e aguardado por toda a Israel. Fariseu que era e zeloso nas tradições, Paulo não admitia que alguém que foi pregado no madeiro fosse o salvador dos judeus, isso seria um escárnio para ele, “Segundo Dt 21.23, quem foi "suspenso no madeiro" esta sob a

²⁸ POLLOCK, Op. Cit., p. 10.

²⁹ POLLOCK, Op. Cit., p. 10.

³⁰ SCHNELLE, Op. Cit., p. 95.

maldição de Deus”. Além de que colocaria em dúvida, tudo o que acreditava e defendia durante toda sua vida³¹.

Pollock falando sobre as ações de Jesus, diz que:

A proclamação do suposto blasfemo crucificado Jesus de Nazaré como Messias de Israel, pelos crentes em Cristo, era insuportável para Paulo, pois ela punha em duvida os fundamentos de sua fé. G 13.13 confirma essa interpretação, pois aqui, o cristão Paulo se confronta com Dt 21,23 LXX e chega a entender: Cristo assumiu a maldição da lei (Tora) e, dessa maneira, nos resgatou dessa maldição. Não foi Deus quem amaldiçoou Cristo, mas Cristo, um inocente, assumiu a maldição da lei (Tora) por nós. A ideia de um messias crucificado precisava parecer para Paulo não apenas absurda, mas, aos seus olhos, representava também uma blasfêmia e um questionamento da fé judaica. Por isso, ele negava aos adeptos de Jesus Cristo o direito de existência dentro da instituição da sinagoga³².

Paulo era um dos perseguidores da igreja de Cristo. Depois do maravilhoso encontro que ele teve com o Senhor passou a ser o maior missionário da época do NT. No início da Igreja primitiva não havia alguém mais preparado para assumir a obra missionaria de levar o nome de Cristo aos confins da terra do que o apóstolo Paulo.

Paulo foi o grande exemplo da obra missionária depois do pentecoste, e isso fica ainda mais exemplificado quando mergulhamos no preparo em que ele teve para esse ministério, claro ele não sabia que tudo o que ele havia estudado seria de extrema importância para o seu ministério, contudo, era o Senhor que o estava preparando para esse desafio tão árduo.

A sua conversão e transformação de vida nos ensina que o nosso Deus é um Deus missionário, que ama as pessoas e quer dar oportunidade a elas de se renderem a Cristo. O apóstolo Paulo foi o primeiro a exercer o chamado de ir pregar o evangelho a todos e ao mesmo tempo cumprir a promessa dada ao pai Abraão (cf. Gn 12.4). O Dr. Shedd diz que “Paulo tinha uma visão realista do futuro e a condenação dos homens perdidos o incomodava”³³.

³¹ Ibid., p. 98.

³² Ibid., p. 98.

³³ SHEDD, Russel P. **Missões**, vale a pena investir? São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 52.

2.3 O MUNDO PRESENTE DE PAULO

Na época do apóstolo Paulo, muitos mundos estavam paralelos, culturas e religiões presentes de todos os lados, existia o domínio e o governo romana e juntamente a cultura e a lei judaica. Para tanto, tenta-se fazer uma análise das principais correntes que influenciaram diretamente no crescimento e no avanço do evangelho na época do apóstolo Paulo.

2.3.1 Os Romanos

Os romanos de certa forma contribuíram para o crescimento do cristianismo, através do legado proporcionado por eles. O cristianismo surgiu em uma época onde havia uma “paz” forçada. O mundo como era conhecido na época estava sobre o controle da província romana, e isso de certa forma facilitou o avanço do evangelho.

Earle Cairns comenta sobre esse governo romano dizendo que:

Os romanos, como nenhum outro povo até então, um sentido da unidade da espécie sob uma lei universal. Este sentido da solidariedade do homem no Império criou um ambiente favorável à aceitação do evangelho que proclamava a unidade de raça humana, baseada no fato de que todos os homens estavam sob a pena do pecado e no fato de que a todos era oferecida a salvação que os integra num organismo universal, a Igreja Cristã, o Corpo de Cristo³⁴.

Como se observa o domínio do povo romano não foi em tudo ruim, de uma forma ou de outra, por meio da providência e da misericórdia de Deus, o evangelho seria pregado. O governo romano teria feito algo que nenhum outro povo conseguiu fazer, unir todos os povos em uma unidade política. Roma abraçou o mundo na época e teve todos sobre o seu governo.

Agora é claro que esse governo não iria dominar a vida toda, Michael Green diz que “Roma, senhora do mundo, não era senhora de si mesma”³⁵. A constante luta pelo poder, rendeu inúmeras guerras civis, que renderam vários anos de confronto, Caio surgiu como o divisor de águas e enfim a guerra cessou porque ele conseguiu dominar e impor o seu

³⁴ CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos séculos**. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 29.

³⁵ GREEN, Michael. **Evangelização na igreja Primitiva**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1970, p. 12.

domínio. As nações se voltaram para ele em forma de agradecimento por ter chegado ao fim às guerras.

Augusto permaneceu com a paz reinando graças ao seu exército. Os cidadãos do império podiam dormir sossegados porque existiam patrulhas que vigiavam todas as fronteiras. Augusto foi tão esperto que dividiu o território entre o senado e ele, ficando assim, o império todo em paz, pois ele mantinha o controle de todas as províncias que necessitavam de uma presença militar. Com toda essa rigorosa segurança imposta por Augusto, mesmo que seja meio contraditório, de certa forma, veio a contribuir de forma significativa para a expansão do evangelho em torno do mundo mediterrâneo.

Cairns diz que:

A divisão do mundo antigo em grupos, cidades-estados ou tribos, pequenos e enciumados um do outro, impedia a circulação e a propagação de ideias. Com o aumento do poderio imperial romano no período da expansão imperial, uma era de desenvolvimento pacífico ocorreu nos países ao redor do Mediterrâneo. Pompeu tinha varrido os piratas do Mediterrâneo e os soldados romanos mantinham a paz nas estradas da Ásia, África, Europa. Este mundo relativamente pacífico, tornou mais fácil a movimentação dos primeiros cristãos nas cidades onde pregavam o evangelho a todos os homens.³⁶

Os romanos criaram um sistema de estradas que iam do Marco de Ouro em Roma para todos os cantos do império. Com as estradas o acesso era bem mais rápido, além de facilitar a entrada e a saída do militarismo, era de extrema importância para o correio público e assim as informações começaram também a chegar em alta velocidade. Existiam outras vantagens que as estradas trouxeram para a época, elas facilitavam a comunicação entre povos diferentes, à produção e a valorização do mercado consumidor, viagens e acesso a outras culturas.

Com as estradas é claro que o evangelho iria toma forma, certamente seria uma oportunidade única de levar o evangelho a todos os homens, os primeiros cristãos exploraram muito esse método. Quando se observa, por exemplo, as viagens do apóstolo Paulo, se observa que ele utilizou muito esse método, e isso era para chegar até os confins da terra. As estradas romanas e as cidades estratégicas, localizadas às margens dessas estradas, foram de fundamental importância para o ministério de Paulo, Green comparando uma coisa com a

³⁶ CAIRNS, Op. Cit., p. 30.

outras diz: “o que um comerciante podia fazer por dinheiro um cristão podia fazer pela causa do evangelho”³⁷.

2.3.2 Os Gregos

A Grécia também foi extremamente importante para o crescimento do cristianismo na época de Paulo, e um dos fatores mais importante e interessante de todos, foi a questão da língua. Como na época o grego se tornara a língua oficial do império romano, era extremamente popular e a mais conhecida língua da época, então seria mais plausível escrever em uma língua que fosse conhecida e assim alcançar um número máximo de pessoas, ela se tornara na época praticamente a língua oficial.

Mesmo na época em que os romanos conquistaram a Grécia, o grego competia diretamente com o Latim, com a conquista de Alexandre “O grande” o grego se popularizou muito se tornando conhecido no mundo todo. Os gregos se encontravam em uma situação privilegiada a tal ponto de parecer não precisar aprender outras línguas, e normalmente os mais doutos sabiam tanto o grego como o latim.

Com tudo isso, se observa que o evangelho precisaria de uma língua universal para que ele fosse melhor expandido, conquanto, o grego era a língua mais utilizada do império romano e seria a melhor estratégia de escrita da Bíblia. Green diz que:

É difícil exagerar as vantagens de uma língua comum para a missão cristã. Isso eliminou a necessidade de escolas linguísticas para missionários. Ao falarem grego os missionários não eram ameaçados pelo ódio que os que falam inglês em alguns países subdesenvolvidos, porque o grego, a língua de um povo subjugado, não podia ser associado com o imperialismo. Além disso a língua era sensível e maleável, adequada de maneira ideal para a propagação de uma mensagem teológica, porque durante séculos ela tinha sido usada para expressar as reflexões de alguns dos maiores pensadores do mundo, contando assim com o vocabulário filosófico e teológico aperfeiçoados. A falta desse vocabulário especializado trouxe dificuldades quando, uns 250 anos depois, o latim substituiu o grego como língua comum do império ocidental³⁸.

Como se observa a língua grega foi extremamente importante para o avanço e a propagação do evangelho de Cristo. Com a oficialização da língua grega foi possível notar o quanto isso facilitou o anúncio das “boas novas”, como todos conheciam esta língua, era

³⁷ GREEN, Op. Cit., p. 14.

³⁸ GREEN, Op. Cit., p. 15.

muito mais fácil falar de Cristo e além desta contribuição que o povo grego deu ao avanço do evangelho de Cristo, eles ainda contribuíram de forma intelectual. Cairns fala que: “A cidade de Roma pode ser identificada com o ambiente político do cristianismo, mas foi Atenas que ajudou a criar um ambiente intelectual propício a pregação do evangelho”³⁹.

Não há como negar a importância da cultura grega para o cristianismo, nesse período o evangelho foi levado a muitos lugares graças à língua grega, e a filosofia grega foi um fator especial na construção do evangelho de Cristo.

2.3.3 Os Judeus

Ao longo da história da igreja, houve inúmeras contribuições para a propagação do evangelho de Cristo, assim como os romanos e os gregos, o povo e a cultura judaica, também deram a sua contribuição e ajudaram muito para o crescimento da obra de Deus. Romanos e gregos deram um belo pano-de-fundo para o evangelho, mas o que os judeus fizeram não há como mensurar e enumerar. As contribuições que deram para o cristianismo foram de extrema importância. O cristianismo foi alicerçado nos moldes da cultura judaica, a sua contribuição foi à raiz do que conhecemos hoje do cristianismo.

O cristianismo se desenvolveu no padrão político de Roma, e ter encontrado muitas das respostas na sabedoria grega, destarte, o envolvimento e a relação do ambiente judaico foi muito mais intenso, foi completamente íntimo. “O judaísmo pode ser considerado como o botão da qual a rosa do cristianismo abriu-se em flor”⁴⁰. Como se sabe os judeus haviam se deslocados para muito longe da região da Palestina muito antes do primeiro século, e mesmo assim eles levaram a sua religião, cultura, e todas as suas práticas litúrgicas, eles eram monoteístas e criam em um único Deus.

Dessa maneira eles foram se espalhando por inúmeros lugares, se reuniam em sinagogas, que estavam em volta de muitos lugares durante os três últimos séculos antes da vinda de Cristo. Os 10 mandamentos, o Antigo Testamento e as sinagogas, foram contribuições impostes para a propagação do evangelho, e o mais importante homem da humanidade era judeu e vivia numa cultura judaica e isso já seria um motivo especial para que pudéssemos respeitar o povo judeu.

³⁹ CAIRNS, Op. Cit., p. 31.

⁴⁰ CAIRNS, Ibid., p. 34.

3 PAULO E O SEU CHAMADO AO MINISTÉRIO

Nos relatos bíblicos, nos parece que a maioria dos discípulos de Jesus, à medida que o tempo passava e recebiam do próprio mestre os ensinamentos que logo iriam retransmitir por obediência a ordenança de Jesus, iam sendo convencidos de que a pessoa de Jesus, de fato tratava-se de Cristo, o Messias, o Filho de Deus aguardado pela nação judaica, com base nas profecias, de que haveria de vir ao mundo um salvador com a missão de implantar o Reino de Deus na terra. Se entendermos desta forma, a ideia que passamos a ter a respeito da conversão destes homens, é de que ela se deu através de um processo.

Mas quando olhamos para o apóstolo Paulo, percebemos que há inúmeras diferenças entre ele e os demais discípulos, a começar, da forma de como ocorreu a sua conversão, pois, como já vimos, Paulo era um opositor e perseguidor dos cristãos e não recebera até então, nenhuma palavra de Jesus, pois nunca havia estado na presença Dele. Da mesma forma ocorreu com o reconhecimento de sua vocação e iniciação no campo missionário.

Não que houvesse algum tipo de disputa, mas assim como Paulo há muito excedia seus compatriotas de sua idade no conhecimento das leis, das escrituras e das tradições judaicas, o mesmo parece acontecer na sua relação com os demais apóstolos. Sobre estas e outras indagações é que iremos tratar neste capítulo.

3.1 A CONVERSÃO NO CAMINHO DE DAMASCO

Examinemos agora o acontecimento que para H. D. Lopes, foi o evento mais importante da história da igreja após o pentecostes, a conversão de Paulo. Assim como o significado da palavra conversão. Era Paulo perseguidor dos cristãos, e quanto a isso não nos resta dúvidas, pois é Paulo mesmo que dá testemunho de si próprio ao rei Agripa em At 26.11

quando diz: “Muitas vezes, os castiguei por todas as sinagogas, obrigando-os até a blasfemar. E, demasiadamente enfurecido contra eles, mesmo por cidades estranhas os perseguia”⁴¹.

Mas até que ponto? A que ponto chegaria a sua raiva aos seguidores do Nazareno Jesus? H. D. Lopes dá uma descrição de como Paulo perseguia a igreja:

Paulo perseguia os discípulos de Cristo do mesmo modo que uma fera selvagem caça a sua presa. Na linguagem dos crentes de Damasco, Paulo era um exterminador (9.21). Era um monstro celerado, um carrasco impiedoso, um perseguidor truculento, um tormento na vida dos cristãos primitivos⁴².

Como se observa, Paulo perseguia os discípulos de Jesus, provavelmente fazia de tudo para deixar a vida deles mais difícil, ele era um opositor a tudo aquilo que os discípulos pregavam, para ele não se passavam de mentirosos, homens que queriam se aparecer e que não entendiam nada a respeito da lei judaica. Ele sabia exatamente sobre quem eles estavam falando e sobre a ameaça que isso poderia trazer ao reinado e ao governo vigente na época, então a missão dele era acabar com o ministério de Jesus.

Ainda sobre a incontestável ação perseguidora de Paulo, Lopes diz:

Em suas próprias palavras, ele estava demasiadamente enfurecido (26.11). O verbo grego “*lymainomai*”, cuja única ocorrência no Novo Testamento se encontra em Atos 8.3, em referência à “destruição” que Paulo causou à igreja, é empregado no Salmo 80.13 (LXX), em relação a animais selvagens destruindo uma vinha; o seu sentido específico é “destruição de um corpo por um animal selvagem”⁴³.

Sabemos também que Paulo fizera parte do debate em que culminou no assassinato de Estevão (cf. At 8.1). Em Atos 22.20, ele mesmo testemunha: “Quando se derramava o sangue de Estevão, tua testemunha, eu também estava presente, consentia nisso e até guardei as vestes dos que o matavam”.

Em At 9.1-2, nós vemos que Paulo ainda respirava ameaças e morte, quando se dirigiu ao sumo sacerdote com objetivo de obter autorização para iniciar uma caçada aos cristãos que viviam em Damasco e que trouxesse preso a qualquer que encontrasse naquela

⁴¹ LOPES, Hernandes Dias. **Atos**: a ação do Espírito Santo na vida da igreja. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 190.

⁴² LOPES, Op. Cit., p. 190.

⁴³ LOPES, Op. Cit., p. 191.

cidade ou no caminho dela que se denominasse discípulo de Jesus. Pois, “o sumo sacerdote era o cabeça do sinédrio, o qual, como corpo judiciário”, possuía jurisdição sobre os judeus residentes em Jerusalém, na Palestina e na dispersão, e poderiam emitir mandados as sinagogas de Damasco ⁴⁴.

Muitos cristãos haviam fugido de Jerusalém por conta da dura perseguição a igreja (cf. At 8.3). Alguns deles chegaram a Damasco pregando o evangelho nas muitas sinagogas que ali existiam (cf. At 8.4) ⁴⁵. E Paulo era um dos maiores responsáveis pela implacável perseguição, pois ele estava determinado a exterminar os cristãos, e desejava então iniciar uma caçada em Damasco.

Em posse de cartas que lhe conferiam a almejada autorização, Paulo, seguiu rumo a tal cidade e o acompanhavam alguns homens, possivelmente “eram os oficiais do Sinédrio, uma espécie de força policial” ⁴⁶ e que estavam ao seu comando. Mas o sentimento de raiva e ódio, já não duraria tanto, pois estava prestes a entrar em choque com um evento que mudaria totalmente sua vida. Trata-se de seu encontro com Jesus que o levaria a uma mudança de direção, pensamento e atitude, ou seja, a conversão.

O fato de Lucas ter mencionado em três ocasiões o ocorrido de Damasco, que deu uma virada na vida de Paulo, que passou de perseguidor do evangelho para perseguido por conta do evangelho que passará anunciar, nos dá uma noção da tamanha importância do acontecimento que mudou o rumo da igreja do primeiro século. Em At 9.3-9; 22.6-11; 26.13-16, encontramos as tais narrativas de como tudo ocorreu. É bem provável que Lucas tenha se prevaído do próprio testemunho de Paulo para relatar as informações encontradas nestes textos, porquanto, Lucas estivera acompanhado Paulo em muitas de suas viagens missionárias ⁴⁷.

Em At 9.3-9, Lucas faz a sua primeira narrativa do fatídico dia no caminho de Damasco:

⁴⁴ LOPES, Op. Cit., p. 189.

⁴⁵ Ibid., p. 190.

⁴⁶ Ibid., p. 190.

⁴⁷ CHAMPLIN, Russell Norman. **O novo testamento interpretado: Versículo por versículo – Vol. III – Atos/Romanos**. São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 1998, p. 187.

Mas, seguindo ele viagem e aproximando-se de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu; e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Ele perguntou: Quem és tu, Senhor? Respondeu o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Duro é para ti recalcitrar contra os agulhões. E ele, tremendo e atônito, disse: Senhor, o que queres que eu faça? E disse-lhe o Senhor: Levanta-te, e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer. Os homens que viajavam com ele quedaram-se emudecidos, ouvindo, na verdade, a voz, mas não vendo ninguém. Saulo levantou-se da terra e, abrindo os olhos, não via coisa alguma; e guiando-o pela mão, conduziram-no a Damasco. E esteve três dias sem ver, e não comeu nem bebeu.

Bob Utley, diz em seu comentário bíblico de Atos, que a luz que ofuscara a Paulo teologicamente ou mesmo fisicamente, possivelmente se “relacione com a glória (Shekinah) da presença de YHWH com Israel durante o período de peregrinação pelo deserto. O conceito hebraico de "glória" assume um aspecto de luz a partir deste acontecimento histórico”. Essa luz teria revelado a Saulo, de que estava diante da presença de Deus ⁴⁸.

Utley comenta também sobre a voz que Paulo ouvira no v. 4. Voz esta, seria algo familiar no Judaísmo. Pois este tipo de manifestação era comum e bastante conhecido como “bath kol”. Era um forma que Deus usava no período intertestamentário, para expressar a sua vontade, comunicar ou confirmar algo ao seu povo escolhido, os Judeus. “Esta forma de revelação era necessária por que não havia profetas inspirados nesse período” ⁴⁹.

Paulo então entrou em Damasco com a ajuda dos homens que o acompanhavam e que o levaram até a casa de um judeu chamado Judas, onde permaneceu, jejuando e orando por três dias que lhe serviram para avaliar sobre que lhe acontecerá diante de uma revelação divina.

Mas Paulo não ficará por muito tempo sem respostas. Um judeu chamado Ananias convertido ao Senhor Jesus, receberá uma revelação em sonho a respeito de Paulo e de que deveria ir visitá-lo. Ananias, sabendo quem era Saulo de Tarso, perseguidor dos cristãos e sabendo também os motivos que o levaram a Damasco, se opôs a cumprir tal missão, mas não podendo se contrapor à vontade e às ordens do Senhor, nada pode fazer a não ser obedecer.

Desta forma, Ananias foi ao encontro do grande perseguidor, e lá se surpreendeu ao testemunhar a confissão de Saulo que agora confessará da nova fé. Ananias convencido da

⁴⁸ UTLEY, Bob. **Comentário Bíblico de Atos:** Lucas o Historiador - Vol. 3B. Marshall - Texas: Lições Bíblicas Internacional, 2010, p. 131.

⁴⁹ UTLEY, Op. Cit., p. 131.

conversão de Saulo, logo lhe impôs as mãos, e a visão de Saulo foi restaurada e em seguida foi batizado. E assim, Saulo, o fariseu, virou Paulo, sem nunca ter sido discípulo de Jesus. A experiência na estrada de Damasco foi marcante na vida daquele que viria se tornar o maior missionário da igreja primitiva.

Para H. D. Lopes a conversão de Paulo não se deu de forma repentina, segundo ele, tendo como base a narrativa do apóstolo em At 26.14, quando Jesus lhe diz: Dura coisa é recalitrates contra os agulhões. É uma evidencia de que o Senhor já vinha agindo na vida de Paulo, mesmo antes de sua ida a Damasco ⁵⁰.

Utley chega até relacionar alguns possíveis fatores que contribuíram para a conversão de Paulo, as três principais que ele relaciona, além do evento no caminho de Damasco são:

A vida e os ensinios de Jesus eram bem conhecidos e discutidos nos círculos rabínicos (especialmente em Jerusalém); Ele ouviu o sermão de Estevão e testemunhou sua morte (possivelmente até mesmo debateu com ele); Viu o comportamento e a fé dos Cristãos sob perseguição ⁵¹.

Já George Ladd, classifica a conversão como repentina. Não “foi uma transformação gradual”, “mas quase instantânea”, diz ele. Ainda que alguns fatores, como os que Utley menciona, possam ter exercido alguma influência sobre Paulo (mas que não venceram a barreira imposta pela mente farisaica que ele tinha), a experiência que Paulo teve com a luz (a manifestação do Senhor glorificado), seria o causador da sua conversão, a mudança de direção que ele teve ⁵².

A experiência de Paulo com Jesus glorificado foi de fato o que decretou a transformação de sua vida. Champlin diz:

Os sentimentos de temor, a luz brilhante, a purificação psicológica, a sua renovação, a sua conversão, são todos sinais de uma experiência mística genuína; e são exatamente esses os elementos que reaparecem em todas as narrativas sobre o evento da conversão de Saulo ⁵³.

⁵⁰ LOPES, Op. Cit., p. 194.

⁵¹ UTLEY, Op. Cit., p. 130.

⁵² LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003, p. 513-514.

⁵³ CHAMPLIN, Op. Cit., p. 187.

É importante salientarmos, qual o significado de conversão. De acordo com o Dicionário internacional do NT, há três conceitos que são utilizados no N.T que expressam conversão, e que abordam seus vários aspectos: epistrepho (ἐπιστρέφω), metanoia (μετανοία) e metamelomai (μεταμέλομαι). As duas primeiras palavras significam: “voltar-se”, “virar-se para trás”, e se referem à conversão de uma pessoa. Isto pressupõe e inclui uma mudança completa sob a influência do Espírito Santo.

Metamelomai, expressa uma mudança de sentimento, que não necessariamente gera uma mudança de atitude, ou seja, que nem sempre leva a pessoa a voltar-se para Deus. Epistrepho é provavelmente o conceito mais largo, porque sempre inclui a fé. Muitas vezes vemos que pisteuo, “crer”, se emprega expressamente com metanoeo, porque a fé é o complemento do arrependimento (cf, L. Berkhof, *Systematic Theology*, 1938,482) ⁵⁴.

Epistrepho, “voltar-se”, “voltar para trás”, “ser convertido”; strepho, “voltar-se”, “mudar-se”; apostrepho, “voltar-se de”; epistrophe, “conversão”. O uso desta palavra sugere que não nos ocupamos primariamente com o voltar-se contra a vida passada apenas, mas sim, ao voltar-se para Cristo. Esta palavra se aplica bem para a conversão de uma pessoa, que sofreu uma completa transformação da sua essência sob influência do Espírito Santo. “Na literatura filosófica clássica, significam, entre outras coisas, o voltar-se da alma para a piedade ou para coisas divinas”, e mesmo que não seja a palavra mais usada no NT para expressar conversão é a palavra que melhor conceitua ou a que mais se aproxima, da ideia de conversão genuína⁵⁵.

Faz-se necessário trazer o significado desta palavra, para que se entenda que a conversão de Paulo, trata-se de uma conversão genuína, verdadeira. Em At 9.18, após a imposição das mãos de Ananias, Paulo foi batizado e em seguida iniciou sua carreira como servo do Senhor, tendo mudando totalmente seu pensamento, sentimento, atitude e direção, após sua experiência com o Senhor.

Ao fazer uma balanço sobre tudo isso, observa-se que Paulo foi um verdadeiro inimigo da cruz e que fez de tudo para cessar o evangelho na época, no entanto ele se encontrou com Jesus e foi salvo, e desde então, não parou de pregar o evangelho, tornando-se assim o maior evangelista de todos os tempos.

⁵⁴ COENEN, Lothar. BROWN, Coun. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 416.

⁵⁵ COENEN, BROWN, Op. Cit., p. 416.

3.2 A VOCAÇÃO PARA APÓSTOLO

Mas, para que Paulo fora convertido? A experiência de Paulo no caminho de Damasco lhe trouxe outras consequências além de sua conversão. Ele entrara para o seleto grupo de pessoas que viram Jesus ressurreto e Dele recebeu o chamado para apóstolo. Paulo atribui como consequência ao acontecido em Damasco não somente a sua conversão, mas também a sua vocação para uma missão particular, dada pelo próprio Jesus. Esse relato encontra-se no livro de Atos na sequência dos registros da sua conversão (At 9.15-16; 22.15; 26.17-18) ⁵⁶.

Com o argumento de ter visto Jesus, Paulo em I Co 9.1, reivindica e legitima sua autoridade apostólica, e faz isso quando em Corinto é contestado o seu apostolado⁵⁷. “O senso de autoridade de Paulo não é particularmente seu, mas foi-lhe conferido, como apóstolo, pelo Senhor” ⁵⁸.

Inicialmente Jesus escolhe doze de seus discípulos para serem apóstolos, com o propósito de levarem a sua mensagem a onde quer que fossem. “O uso da palavra *apóstolos* para os doze nos Evangelhos (Mc 6.30 e passagens paralelas) designa sua função como aqueles enviados por Jesus (Mc 3.40), contudo, não é um título” ⁵⁹.

A palavra grega *apostello* (apóstolo) pode significar: *apostello*, “enviar”; *exapostello*, “enviar para fora”; *pempo*, “enviar”; *apostolos*, “enviado, embaixador, apóstolo”. A Palavra é um composto de *stello* “colocar”, “aprontar”, e a prep. *apo*, “de”, “para longe”, “para trás” significa “enviar” (tanto pessoas como coisas), “mandar embora”, “escorraçar”, “enviar para longe”. Quando se tratava de alguma incumbência para uma finalidade particular, a ocasião na maioria das vezes é exposta com clareza com o objetivo de destacar o envio⁶⁰.

⁵⁶ LADD, Op. Cit., p. 532.

⁵⁷ SCHNELLE, Op. Cit., p. 100.

⁵⁸ LADD, Op. Cit., p. 532.

⁵⁹ Ibid., p. 532.

⁶⁰ COENEN, BROWN, Op. Cit., p. 154.

Sendo que o emissário tem plenos poderes e é o representante pessoal de quem o enviou, estabelece-se uma conexão estreita entre quem envia e quem recebe a incumbência (cf. a fórmula do século III a.C., “os enviados (*apestalmenoi*) do rei”). Isto é especialmente ressaltado pelo emprego de *apostello*, enquanto *pempo*, “enviar”, que é muito mais comum no Gr, secular, resalta o mero fato de enviar. Na filosofia estóica popular, a idéia da autoridade do emissário para representar seu mestre adquire um significado religioso. Um mestre peripatético cínico considerava-se um embaixador e exemplo enviado por Zeus (Epict.). Daí, *apostello* também ocorre como um termo técnico que significa a autorização divina⁶¹.

O apóstolo é um delegado, comissário, procurador de Cristo, que leva com sigilo a Sua autoridade, ou seja, uma representação autorizada. Carrega à responsabilidade de representar Cristo a onde quer que vá ou esteja. O conceito de um “representante autorizado” aparece também na “instituição judaica de seluhim ou mensageiros autorizados, que representavam uma pessoa ou grupo de pessoas⁶².

O representante de um homem (*saliah*) deve ser considerado como o próprio homem”. Em Mt 10.40 vemos: “quem vos recebe a mim me recebe”, tal afirmação de Jesus nos dá a compreensão de representação autorizada. Sendo assim o apóstolo é um representante pessoal do Cristo ressurreto, chamado por Ele para representá-lo com o compromisso, uma missão, de levar a mensagem da salvação aos que se encontram em cativeiro, assim como reunindo e organizando em comunidades os que forem sendo salvos⁶³.

Ladd diz que:

“Chamado para apóstolo” é “ser separado para o evangelho de Deus” (Rm 1.1) Ser um apóstolo é também ser um pregador (*keryx*, I Tm 2.7; II Tm 1.11). Como pregadores do evangelho, os apóstolos também fundaram igrejas. Paulo lembra aos coríntios que não precisava de cartas de recomendação para estabelecer sua autoridade apostólica, como certos mestres, que haviam recentemente ido a Corinto, diziam ter. Esses mestres são rotulados, por Paulo, como “falsos apóstolos” (II Co 11.13), pois tudo que tinham eram cartas humanas, mas nenhuma chamada da parte de Cristo. Paulo tinha essa incumbência sagrada, e em vez de cartas humanas, a própria igreja em Corinto era uma carta de recomendação que confirmava sua chamada apostólica (I Co 2.17-3.3)⁶⁴.

“Difícilmente esperaríamos que a Paulo fosse dado o título de apóstolo no momento da sua conversão”. Mas é no relato da conversão de Paulo em Atos 9 que vemos no v. 15 o

⁶¹ Ibid., p. 154.

⁶² LADD, Op. Cit., p. 533.

⁶³ Ibid., p. 533.

⁶⁴ Ibid., p. 533.

Senhor revelar a Ananias que Paulo era um homem escolhido por Ele para levar o Seu evangelho a outros povos e nações, assim como a própria Israel⁶⁵.

Os testemunhos de Paulo registrados em Atos, tanto no capítulo 22.21: “Vai, porque eu te enviarei para longe aos gentios”; quanto no capítulo 26.16-17: “Por isto te apareci para te constituir ministro de testemunha, tanto das coisas em que me viste como daquelas pelas quais te aparecerei ainda; livrando-te do povo e dos gentios, para os quais eu te envio”; encontramos os verbos que denotam uma incumbência a Paulo, de ser um enviado escolhido por Cristo, que são os verbos: “exapostello” e “apostello” respectivamente.

Para que alguém obtivesse o reconhecimento de seu apostolado era necessário preencher algumas qualificações. Uma delas, Paulo preencheria no dia em que tornou-se testemunha da ressurreição de Jesus no caminho de Damasco que culminaria na sua conversão e chamado (cf. At 1.22). Mas a outra condição, Paulo não preencheria, a de ter sido discípulo e participante do ministério terreno de Jesus⁶⁶.

Atos conta a história do início da igreja após a subida aos céus de Jesus ressurreto e conseqüentemente das primeiras ações dos discípulos e apóstolos, dando continuidade no Seu ministério na terra, e levantar uma grande nação de salvos, mas abre um imenso espaço para contar a história de um “apóstolo extraordinário”. “Atos exhibe os apóstolos de Jerusalém como um corpo estreitamente vinculado entre si, trabalhando separadamente de Paulo (e.g, 8:14; 9:27; 15:2; 16:4)”, mas sem deixar de falar de Paulo e Barnabé sendo apóstolos e fazendo uma carreira paralela no anúncio do evangelho(14:4,14)⁶⁷.

Em Gl 1.13-16, temos uma ideia da compreensão de Paulo sobre o porquê da sua conversão. Sobre isso, James D. G. Dunn diz:

A outra característica notável de Gl 1.13-16 é que tal texto nos revela a compreensão de Paulo acerca daquilo *para que* ele fora convertido: "Quando aquele que me separou desde o ventre materno me chamou através de sua graça para revelar em mim seu Filho, para que [*iva*] eu o pregasse entre os gentios [...]". O sentido mais comum das orações com *iva* é conclusivo: a ação divina na estrada para Damasco era a revelação do Filho de Deus nele (ou para ele); seu propósito era que Paulo pregasse Jesus entre os gentios⁶⁸.

⁶⁵ COENEN, BROWN, Op. Cit., p. 158-159.

⁶⁶ Ibid., p. 158-159.

⁶⁷ Ibid., p. 158-159.

⁶⁸ Ibid., p. 159.

É notável que há uma concordância entre G1 1.13-16 e os capítulos 9; 22; e 26 de Atos, que rezam sobre a conversão de Paulo. Mas, somente no capítulo 26 nos versos de 16-18 é que vemos Paulo recebendo do próprio Cristo à missão de anunciá-lo aos gentios, que em I Co 9.1; 15.8, nos parece que Paulo entendeu que a sua vocação foi marcada pela experiência da sua conversão, esse testemunho concorda ou complementa os de G1 1.13-16, que sobre isso, Dunn comenta:

A convicção de que a boa nova de Jesus, o Messias, era também para os gentios foi o complemento exato da convicção anterior de que os helenistas tinham de ser impedidos de acessar a boa nova. Se entendermos a lógica de Paulo, o perseguidor, corretamente e as deduções acima tiradas fizerem perfeitamente sentido tanto para a linguagem de Paulo quanto para a sua inserção na história judaica, então faz também perfeito sentido que Paulo se percebia persuadido pela própria abertura para os gentios, abertura que ele tinha tentado suprimir tão zelosamente. Paulo fora convertido para aquilo que ele tinha perseguido. A psicologia da experiência da conversão é imediatamente discernível e não pode ser descartada facilmente⁶⁹.

Em todas as cartas que Paulo escreveu percebemos a sua consciência no cumprimento de uma missão ordenada por Deus⁷⁰. Esse testemunho do próprio Paulo, sobre qual o motivo de sua conversão “é reforçado pelos ecos claros que G1 1.15-16 faz aos chamados proféticos de Jeremias” (Jr 1.5) “e do Servo do Senhor em Isaías” (Is 49.1-6)⁷¹.

Para a maioria dos autores citados, Paulo entendeu a sua experiência em Damasco como um chamado e que havia necessidade do evangelho chegar a outros cumprindo a promessa de Deus feita a Abraão. Entendeu que ele era importante para o momento da história em que vivia para a realização desta missão, por tudo que sabia e conhecia do mundo em que estava inserido, assim, como, a sua incrível mudança e transformação de vida, proporcionadas pela sua conversão. Em seu “coração estava a convicção” “de que havia chegado o tempo da bênção de Abraão” se estender para todas as nações⁷².

3.3 AS VIAGENS MISSIONÁRIAS

⁶⁹ DUNN, James D. G.. A Nova Perspectiva Sobre Paulo. Santo André - SP: Academia Cristã, 2011, p. 519.

⁷⁰ LADD, Op. Cit., p. 532.

⁷¹ DUNN, Op. Cit., p. 520.

⁷² DUNN, Op. Cit., p. 521.

Paulo dedicou-se inteiramente ao cumprimento de sua missão. Mas não foi simples o caminho que trilhou. Depois de uma mudança radical, Paulo inicialmente preferiu afastar-se. Buscou refletir sobre tudo que lhe acontecera até então. Paulo era impulsivo quando tinha convicção do que estava fazendo e nada podia contrariar as suas certezas. Talvez por isso ele preferiu ir ao deserto com a ideia de colocar o pensamento em ordem, pois o que lhe acontecera, derrubou uma vida de estudos e conhecimentos adquiridos aos pés de grandes mestres e doutores e ainda lhe traria consequências duras.

Paulo dirigiu-se então para a Arábia. Foi no deserto que Paulo teve as suas maiores lições, dadas pelo próprio Mestre. Em I Co 11.23 ele diz: “Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei”. Longe de tudo e isolado no deserto, Paulo desvencilhou-se de um grande peso que carregava ao liberta-se das tradições e das leis judaicas, tornando-se discípulo do Senhor, e assim como outros grandes líderes que o Senhor levantou ao longo da história, como, Moisés e Elias, andou com o Senhor durante todo o tempo em que passou afastado de tudo que conhecia, aprendendo o Evangelho que pregaria logo que iniciasse sua jornada como apóstolo de Cristo ⁷³.

Também no deserto, Deus alimentou o Seu povo, e com Paulo não foi diferente ao alimentar-se diariamente com a verdade e provavelmente deve ter refeito um estudo das Escrituras, o que deve ter se tornado as bases das doutrinas que ensinaria em sua coletânea de cartas e epístolas que escreveria ao longo de seu ministério. Também lhe serviria de grande instrumento para defesa de sua fé ⁷⁴.

É evidente que não sabemos os detalhes dos dias em que Paulo esteve no deserto da Arábia e nem o tempo exato que esteve lá, estima-se que foram aproximadamente três anos. Mas uma coisa não temos em dizer, que Paulo retornou do “deserto plenamente convicto e preparado para apresentar as razões de sua fé” ⁷⁵.

Passado esse tempo, Paulo retornou a Damasco. Muitos já o aguardavam e logo pregava nas sinagogas, de modo que muitos se renderam ao Evangelho que anunciava, provocando a ira de muitos que não suportavam mais sua presença e nem mesmo o fato de terem que admitir que fosse detentor de um grande conhecimento.

⁷³ BALL, Op. Cit., p. 41.

⁷⁴ Ibid., p. 41.

⁷⁵ Ibid., p. 41.

Logo os opositores do Evangelho passaram a perseguir Paulo, mesmo depois de terem o chicoteado, não se deram por satisfeitos e queriam a sua morte. Tomando conhecimento dos planos de o matarem, Paulo fugiu da cidade e dirigiu-se a Jerusalém. Ao chegar naquela cidade, descobriu que sua fama já chegara ali. E era odiado por todos, visto como traidor. Pelos da nova fé não foi bem recebido, pois não acreditavam em seu arrependimento, ou no mínimo pairava uma certa desconfiança, mesmo depois de seu testemunho.

Contudo Barnabé e Pedro “aceitaram-no abertamente”⁷⁶ após ouvirem seu testemunho. De Pedro e de outros discípulos, Paulo deve ter ouvido detalhes da vida terrena de Jesus e aprendido muito a Seu respeito. O fato de não ter sido bem recebido pelos cristãos em Jerusalém e não contar com o apoio da grande maioria deles, não impediu que continuasse anunciando Jesus, agora em Jerusalém. Mas a exemplo de Damasco, tivera que fugir outra vez, por sua vida está em risco novamente.

Mas antes de entender da necessidade de sua partida, teve uma visão, onde o Senhor lhe dizia: “Dá-te pressa e sai apressadamente de Jerusalém, porque não receberão o teu testemunho acerca de mim” (At 22.18). Paulo ainda hesitou em obedecer. Mas o Senhor tornou-lhe aparecer lhe dizendo: “Vai, porque hei de enviar-te aos gentios de longe” (At 22.21).

Desta forma então, Paulo deixou Jerusalém, não permanecendo ali nem mesmo um mês⁷⁷, após seu regresso de Damasco. Paulo dirigiu-se a cidade costeira de Cesárea, capital romana da Palestina. De lá partiu em direção a sua cidade natal, Tarso, onde permaneceu cerca de oito anos⁷⁸. Foi um período de pouca atividade, não temos relatos significantes quanto a este período, sabendo apenas, que Paulo só saiu de Tarso, quando Barnabé foi buscá-lo para levá-lo à grande cidade de Antioquia, capital romana da Síria.

Antioquia era a terceira maior cidade romana e muitos cristãos fugidos da grande perseguição em Jerusalém viviam ali, “a comunidade cristã foi fundada por cristãos que precisavam deixar Jerusalém no contexto da perseguição de Estevão”⁷⁹. Eles haviam buscado abrigo nesta cidade que ficava aproximadamente 480 quilômetros de distância de Jerusalém.

⁷⁶ BALL, Op. Cit., p. 46.

⁷⁷ Ibid., p. 46.

⁷⁸ BALL, Op. Cit., p. 47.

⁷⁹ SCHNELLE, Op. Cit., p. 133.

Era uma cidade bela, porém não se pode dizer o mesmo de seus costumes, que semelhante a muitas outras cidades romanas, vivia em constante busca pelo prazer. A cidade muito movimentada recebia diariamente visitantes de todas as partes do mundo.

Segundo At 11.20, em Antioquia, judeu-cristãos helenistas de Chipre e de Cirene passaram a anunciar o evangelho com êxito também entre a população grega. Dessa maneira, Antioquia é o lugar onde se inaugurou a época decisiva do cristianismo primitivo: o anúncio programático do evangelho também a gentios. Segundo a abordagem de Atos, Barnabé e Paulo não pertenceram desde o início a comunidade antioquena, mas integraram-se em seu trabalho apenas depois do início da missão entre os gentios (cf. At 11,22.25)⁸⁰.

Para J. Becker, “o início desta comunidade está ligado ao nome de Barnabé”⁸¹. Para ele, foi Barnabé quem liderou “o grupo dos cinco, que, segundo At 13.1, eram considerados profetas e mestres em Antioquia”⁸² que junto com os demais santos, a assembleia reunida, conduzia a igreja (cf. Gl 2.14)⁸³.

Talvez tenha sido este um dos principais motivos que fizeram Barnabé ir à busca de Paulo. “Ciente dos acontecimentos em Damasco”⁸⁴, levou Paulo para Antioquia, “exatamente para, com sua colaboração, seguir orientando a comunidade para uma atitude de maior liberdade diante da Lei”⁸⁵. A tal cidade necessitava conhecer o Evangelho e muitos já haviam se dobrado a Ele. Foi em Antioquia, a primeira vez que os que criam em Jesus como Cristo foram chamados de cristãos. Paulo foi levado a esta cidade, e vira que o poder do Espírito Santo operava não somente nos judeus, mas também nos gentios de igual maneira⁸⁶.

Ball menciona o crescimento da Igreja em Antioquia e de como se tornou importante para o anúncio do Evangelho:

Durante um ano, Saulo trabalhou pelo Evangelho nessa importante cidade. Falava com empenho, e o Senhor tornava produtivos o seu ensino e pregação. Não demorou

⁸⁰ Ibid., p. 133.

⁸¹ BECKER, Jurgén. Apóstolo Paulo, vida, obra e teologia. São Paulo: Ed. Academia Cristã, 2007, p. 128.

⁸² BECKER, Op. Cit., p. 128.

⁸³ Ibid., p. 128.

⁸⁴ Ibid., p. 128.

⁸⁵ Ibid., p. 128.

⁸⁶ BALL, Op. Cit., p. 49.

muito, e Antioquia já era um centro cristão mais forte que Jerusalém, pois a igreja, aqui, não sofria quaisquer distúrbios ⁸⁷.

Paulo foi apresentado aos cristãos da igreja de Antioquia e logo fazia o que tinha mais vontade de fazer, anunciar a Jesus. Convidando a muitos a saírem da escuridão da idolatria, para viver uma vida plena ao lado do único e verdadeiro Deus. Era notório o poder de Deus na vida de Barnabé e Paulo, era perceptível o grande conhecimento que tinham, além de que eram vistos como homens de grande “coragem e zelo”, que sem a presença do sínédrio, avançavam no anúncio do evangelho que não sofria perseguição e “com isso a Igreja crescia rapidamente” ⁸⁸.

Por esse tempo o imperador Calígula foi assassinado. Herodes Agripa foi incumbido de governar as “terras de seu avô, Herodes, o Grande” ⁸⁹, e logo passou a perseguir os cristãos de Jerusalém. No alto da perseguição, Antioquia recebera a visita de um profeta chamado Ágabo, morador de Jerusalém, que durante assembleia “deu a entender, pelo Espírito do Senhor, que Deus enviaria uma grande fome sobre o império”. Seriam tempos muito difíceis ⁹⁰.

“Os cristãos de Antioquia levantaram ofertas e as enviaram aos santos da Judéia pelas mãos de Barnabé e Saulo” ⁹¹, que logo partiram para Jerusalém, tendo ainda a companhia de Tito. No retorno à Antioquia, ganharam a companhia de mais um integrante para a viagem, trata-se do jovem promissor Marcos, filho de Maria, parenta de Barnabé, o mesmo ainda muito cedo seguira os passos e ensinamentos de Jesus ⁹².

Barnabé, Paulo, Tito e também Marcos, fizeram a viagem de volta a Antioquia, onde a igreja os aguardava. E na chegada foram bem recepcionados. Antioquia iniciava ali sua história como centro missionário, pois se preocupavam com os que ainda não haviam escutado as Boas Novas de Jesus.

Quanto a isso, Ball diz que:

⁸⁷ Ibid., p. 49.

⁸⁸ Ibid., p. 49.

⁸⁹ Ibid., p. 49.

⁹⁰ Ibid., p. 50.

⁹¹ Ibid., p. 50.

⁹² Ibid., p. 51.

Antioquia estava tornando-se rapidamente o centro das atividades da Igreja. O braço da perseguição não era tão pesado lá como o era em Jerusalém à sombra do Templo. A igreja cresceu sem o rancor dos sacerdotes e principais da sinagoga, até que outras comunidades cristãs menores começaram a aceitar-lhe a liderança. Muitos dos cristãos de Antioquia procediam de lares gentios. Eles lembravam-se naturalmente de seus parentes dispersos por todo o império, e achavam que o Evangelho também lhes deveria ser pregado. Uma vez que Saulo fora chamado pelo Senhor para ministrar aos gentios, esses cristãos concluíram que se deveria formar um grupo missionário, e envia-lo aos países vizinhos⁹³.

Conforme At 13.1-2, enquanto os líderes da igreja em Antioquia se reuniam, oravam e jejuavam, o Espírito Santo lhes dissera: “Separai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado” (At 13.2b). Era o início das missões antioquenas. Aqueles homens entenderam perfeitamente, que era o desejo do Senhor, que os enviassem para a primeira viagem missionária, pois tinham a compreensão de que o Evangelho também deveria chegar para fora dos limites que conheciam. E Paulo e Barnabé, eram as pessoas perfeitas para essa missão. “Haviam ambos viajado muito e pareciam ser cidadãos do mundo. Estavam capacitados a representar a Cristo; para isto haviam sido chamados”⁹⁴.

Paulo e Barnabé receberam a bênção dos líderes da igreja de Antioquia, que lhes impuseram as mãos, como era de “costume dos sacerdotes de Israel”⁹⁵. Ainda levaram consigo Marcos, e logo partiram para uma grande jornada missionária.

Parece-nos haver certa implicação quanto à trajetória e cronologia correta dessa primeira viagem. J. Becker menciona essa questão, assim como Udo Schnelle que ressalta, “a morte de Agripa I no ano 44 d.C. (cf. At 12,18-23) e a Convenção dos Apóstolos na primavera do ano 48 formam, segundo a abordagem lucana, duas datas-limites entre as quais ocorreu a primeira viagem missionária”⁹⁶. Ele diz ainda:

No centro da atividade antioquena de Paulo está a primeira viagem missionária (c. 45-47 d.C.), cuja descrição em At 13.1-14,28 suscita numerosos problemas. Enquanto Paulo se refere em Gl 1.21 para o tempo antes da Convenção dos Apóstolos a uma atividade missionária nas regiões da Síria e Cilícia, Lucas menciona, além disso, uma atuação missionária em Chipre e na Panfília, Pisídia e

⁹³ Ibid., p. 51.

⁹⁴ Ibid., p. 51.

⁹⁵ Ibid., p. 51.

⁹⁶ SCHNELLE, Op. Cit., p. 139.

Licaônia, regiões da Ásia Menor. A descrição da missão em Chipre em At 13.4-12 corresponde aos interesses da abordagem lucana ⁹⁷.

Segundo At 13.4-14, a pequena caravana que tinha, até então, Barnabé como líder dessa missão, saiu da cidade de Antioquia, partindo em direção ao porto de Selêucia, e logo embarcaram em direção a ilha de Chipre, não demorando muito para chegarem na primeira cidade, Salamina, ali anunciaram o Evangelho pela primeira vez, depois da incumbência recebida do Senhor. Seguiram em frente atravessando toda ilha até chegarem a Pafos, onde converteram o pro-cônsul Sérgio Paulo.

Em seguida, navegaram de Pafos até Perge na Panfília. De lá Marcos recuou e retornou para Jerusalém. Este fato mais tarde, seria o pivô da separação entre Paulo e Barnabé. Mas ambos prosseguiram e passaram de Perge e chegaram a Antioquia da Pisídia. Na Pisídia, como de costume dos dois Apóstolos, entraram na sinagoga, At 13.14ss, relata que ali foi dada a oportunidade aos missionários e Paulo levantou-se e anunciou o Evangelho, semelhantemente a Estevão, e foi bem aceito tanto por judeus como por prosélitos ao ponto de muitos que lhe ouvira lhe pedisse para que voltassem no sábado seguinte.

Em At 13.44-52, Paulo retornou no sábado seguinte e quase toda a cidade o aguardava, provocando uma inveja nos judeus. Pois era com grande intrepidez que pregavam e ensinavam, divulgando a Palavra do Senhor e gentios se alegravam com os ensinamentos. Mas os judeus iniciaram uma perseguição contra eles, que sacudindo o pó dos pés, saíram daquela cidade indo então para Icônio.

Em Icônio, logo que anunciaram Jesus na sinagoga, muitos creram, uma grande multidão, entre judeus e gregos. E mesmo contra a vontade de judeus que não aceitaram as suas palavras, permaneceram ali por um bom tempo pregando as Boas Novas de Jesus. Em At 14.5-6, sabendo os Apóstolos que na cidade tramavam em pegá-los para apedrejá-los, partiram para as cidades de Listra e Derbe, cidades da Licaônia, e a regiões vizinhas.

Em Listra, fizeram grandes prodígios, mas sendo perseguido novamente pelos judeus de Antioquia da Pisídia e de Icônio, Paulo foi apedrejado, e se recuperando no dia seguinte partiu com Barnabé para Derbe. Lá também fizeram muitos discípulos. Voltaram para Listra

⁹⁷ Ibid., p. 133.

iniciando o caminho de volta e por onde passavam exortavam os que tinham crido nas palavras que haviam ensinado.

De Listra passaram para Icônio, Antioquia da Pisídia, atravessando-a até chegarem à Panfília, passando por Perge descendo até a Atália, retornando a Antioquia, concluindo a missão onde haviam iniciado. A primeira viagem nos deixa a visão de algumas características marcantes. Paulo e Barnabé chegavam à cidade, pregavam nas sinagogas, conquistavam a simpatia dos que lhe ouviam, principalmente a dos “gentios prosélitos e os tementes a Deus”⁹⁸. Em seguida eram perseguidos pelos judeus enciumados, que logo lhes tiravam das sinagogas.

Prosseguiam anunciando aos gentios, enquanto a perseguição aumentava ao ponto de precisarem fugir. Além de que quando retornavam, fortaleciam os crentes os incentivando a permanecerem na fé, organizavam “igrejas locais”⁹⁹ e lhes indicavam escolher pessoas, anciões, para liderarem a comunidade de salvos, de forma que se assemelhavam em sua organização com os judeus e as sinagogas¹⁰⁰.

Não há dúvidas quanto ao grande êxito do alcance da viagem e que obtiveram resultados maravilhosos, isso avaliando “pelo número de comunidades fundadas”. A “extensão geográfica”¹⁰¹ é outro fator que chama muita atenção e a propagação do Evangelho pelos cristãos-helenistas de Antioquia foi um marco na história do cristianismo¹⁰².

Para J. Becker, a escolha dos lugares que Paulo fez junto com Barnabé, foi fator determinante para o sucesso da primeira viagem, ele diz:

Paulo deve ter, intencionalmente, iniciado a missão em lugares onde, até o momento, Cristo ainda não tinha sido anunciado (Rm 15.20). Ele abandona o campo missionário antioqueno, busca as províncias romanas e se dirige, sobretudo, para suas capitais e centros. Não é de se excluir que, logo em seguida, tenha em vista, como objetivo de longo prazo, Roma (Rm 15.22), bem como a fronteira ocidental do Império Romano (Rm 15.24). Somente mais tarde, porém, e de modo diferente, realiza estes planos. Tudo isto demonstra, mais uma vez, a autonomia e o horizonte geográfico em que Paulo se orientava desde a sua vocação. Paulo poderia limitar-se a trabalhar, depois do conflito em Antioquia, em uma comunidade próxima, nascida dos êxitos obtidos em sua missão segundo At 13s¹⁰³.

⁹⁸ GUNDRY, Roberth H.. Panorama do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 397.

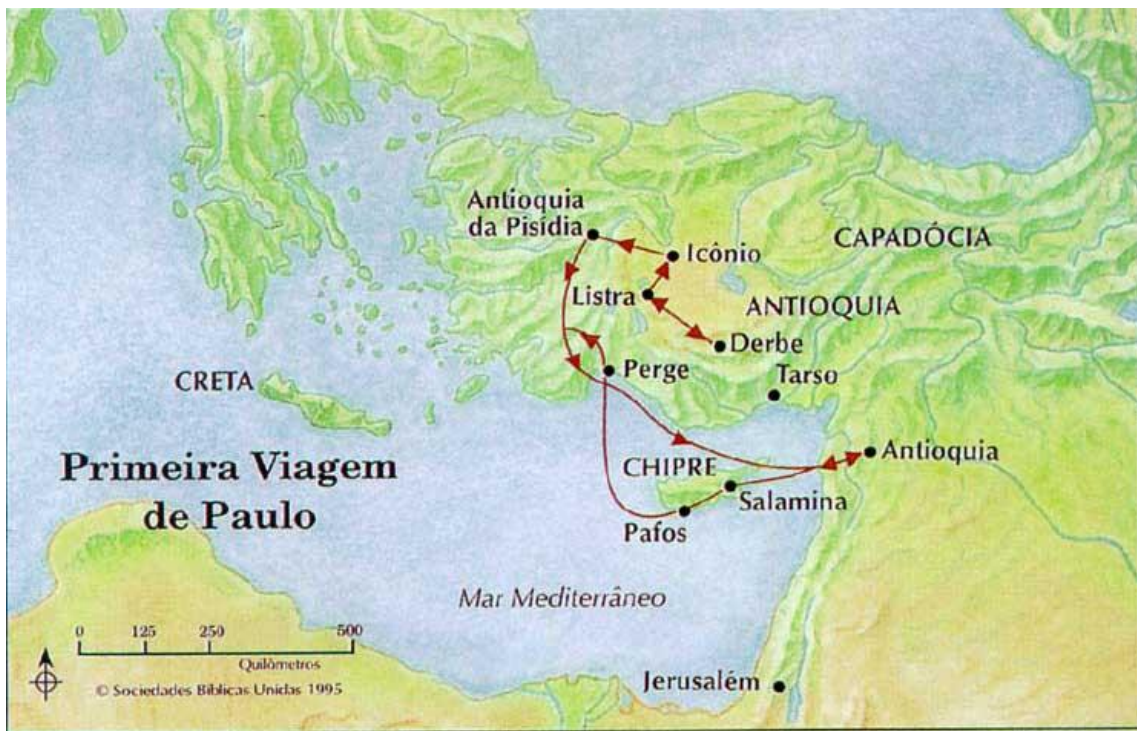
⁹⁹ GUNDRY, Op. Cit., p. 398.

¹⁰⁰ Ibid., p. 398.

¹⁰¹ BECKER, Op. Cit., p. 186.

¹⁰² Ibid., p. 186.

¹⁰³ Ibid., p. 186.



(Encontrado em: onerdcristao.com.br/blog/wp-content/uploads/2012/05/1_viagem_paulo, 27/01/2015 as 1:30 hs.).

Após a primeira viagem, Paulo foi à Jerusalém reunir-se com os irmãos que lideravam a igreja em Jerusalém, a fim de tratar sobre a aceitação de gentios na igreja sem ter que os submetê-los aos ritos e cerimônias da sinagoga, tal assunto, em muito perturbava os judeus convertidos.

No que ficou conhecido como “Concílio de Jerusalém”¹⁰⁴, Paulo testemunhou sobre a conversão de muitos gentios, debateu, enfrentou e discorreu sobre a Graça de Deus e que aos gentios se estendia o plano do Senhor, que a eles continuassem anunciar o Evangelho e que não lhes fossem imputados nenhuma obrigação judaica. Muitos se opuseram e insistiam em ensinar que as Leis de Moisés deveriam continuar sendo praticadas.

Somente após Tiago tomar partido da causa, sob orientação das sagradas Escrituras, citando os textos de Am 9.11,12 e de Is 45.2¹⁰⁵, enfatizou a liberdade religiosa dos novos crentes, os gentios, e decidiram recomendar que os gentios-cristãos, apenas observassem algumas restrições, que segundo At 15.29, foram escritas em uma carta que enviariam a

¹⁰⁴ GUNDRY, Op. Cit., p. 399.

¹⁰⁵ Ibid., p. 398.

Antioquia, que dizia: “Que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, e da carne sufocada, e da prostituição; e destas coisas fareis bem vos guardar. Bem vos vá”.

Judas e Silas foram os escolhidos para serem os portadores da mensagem, e acompanharam Paulo e Barnabé na viagem de volta à Antioquia. Judas e Silas ainda permaneceram ali certo tempo. Tempo que Paulo usará para pregar e ensinar em Antioquia antes de iniciar a segunda viagem missionária.

Nesta viagem Paulo faria sem a presença de Barnabé, devido um desentendimento. Barnabé queria levar para viagem, Marcos, que na primeira viagem havia desistido. Paulo não concordando, decidiu então se separar, e ambos seguiram em caminhos diferentes.

“Paulo inicia sua imensa atuação missionária independente”¹⁰⁶, ele então substituiu a companhia de Barnabé pela de Silas. Juntos partiram e desta vez, iniciou a viagem por terra.

J. Becker faz um bom resumo dessa viagem, ele diz:

Inversamente, a rota do Apostolo, segundo At 16.1ss, que tem uma certa dimensão missionária contra a dita no início (At 15.36-41), pode ser confirmada, substancialmente, a partir de Paulo: a rota leva diretamente desde a Síria até a Galácia, passando pela Sicília e Frígia, então para Trôade e de lá para a Macedônia, já em solo europeu, mais exatamente, através da ilha de Samotrácia, até ao porto de Neápolis, depois a Filipos. Aqui, Paulo funda sua primeira comunidade européia. A viagem continua pela *Via Egnatia*, passando por Anfípolis e Apolônia, até Tessalônica. Daqui, deslocando-se em direção sul para *Beréia*. Abandonando a *Via Egnatia*, Paulo se dirige a Corinto passando por Atenas¹⁰⁷.

Em Listra, ganharam a companhia de Timóteo, que era um discípulo, cujos irmãos de Listra e Icônio davam bom testemunho. Paulo encurta o percurso, usando aparentemente um caminho mais curto para atravessar o “campo missionário antioqueno”¹⁰⁸, Pois tinha como principal objetivo fundar novas igrejas alcançando o maior número de gentios possível.

De acordo com a carta de Paulo aos gálatas, ele obtivera êxito na sua missão na região da Galácia. Sob referência de Gl 4.13, Paulo “fundou comunidades as quais, mais tarde, escreveu a Carta aos Gálatas”¹⁰⁹. No mesmo capítulo, a partir do verso 12 até o 20, diz,

¹⁰⁶ SCHNELLE, Op. Cit., p. 172.

¹⁰⁷ BECKER, Op. Cit., p. 187.

¹⁰⁸ BECKER, Op. Cit., p. 188.

¹⁰⁹ Ibid., p. 188.

que a viagem não seguiu totalmente sem problemas. Paulo teria adoecido gravemente (cf. 2Co 4.10s; 12.7) ¹¹⁰. Por este motivo “as comunidades da Galácia o acolheram com amor” ¹¹¹. Assim como em Filipos onde foram açoitados, presos e depois expulsos da cidade (cf. At 16 11-40).

O êxito da missão não se resumiria aos gálatas, o sucesso também foi alcançado nas cidades de Filipos, Tessalônica, Corinto e Beréia onde novas igrejas foram fundadas J. Becker diz:

Igualmente, ITs 1s; 1Co 3.6, 10s; 4.15; Fl 4.15 avalizam que Paulo fundou novas comunidades nas cidades de Filipos, Tessalônica e Corinto (At 18.1ss). Também em Tessalônica (ITs 2.14ss; 3.1ss; At 17.5ss) e Corinto (At 18.1ss) isso não ocorre sem conflitos. Que a caminho de Corinto Paulo tenha visitado Atenas (ITs 3.1), ele mesmo faz referência ¹¹².

Paulo também contou com a ajuda de Lucas, a partir do verso 10 de Atos 16, Lucas passou a relatar os fatos que iam acontecendo usando a primeira pessoa do plural. Em Atenas Paulo esteve só, anunciou o Evangelho, aguardou a chegada de Silas e Timóteo e não podendo mais os aguardá-los, lhes enviou mensagem de que passaria adiante para a cidade de Corinto.

Em Corinto Paulo reencontraria seus amigos, Silas e Timóteo e deles receberia boas notícias de Tessalônica e Beréia, assim como a de Filipos onde Lucas havia ficado ¹¹³. Posteriormente seguiu para Éfeso na companhia de Áquila e Priscila, deixando em Corinto Silas e Timóteo para continuarem o trabalho. Éfeso seria a última cidade da sua segunda viagem missionária, lá a Palavra foi bem aceita, Paulo não se demorou ali, lá deixou Áquila e Priscila e seguiu para Cesaréia para visitar a “igreja-mãe” ¹¹⁴, e logo retornou para Antioquia.

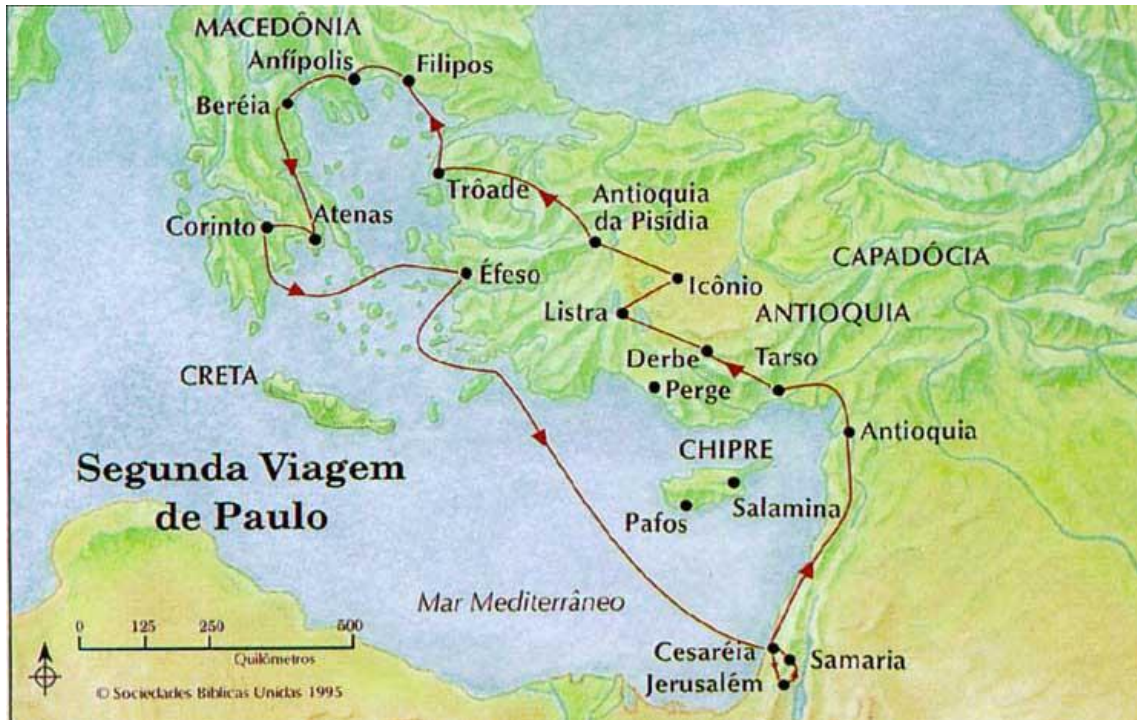
¹¹⁰ Ibid., p. 188.

¹¹¹ Ibid., p. 188.

¹¹² BECKER, Op. Cit., p. 189.

¹¹³ BALL, Op. Cit., p. 77.

¹¹⁴ BALL, Op. Cit., p. 79.



(Encontrado em: onerdcristao.com.br/blog/wp-content/uploads/2012/06/2_viagem-missionaria-de-paulo, 27/01/2015 as 15:04 hs.)

Para os irmãos em Antioquia, Paulo era a pessoa certa para a evangelização dos gentios, e não se assustaram com a pressa do Apóstolo em retomar ao trabalho missionário, já haviam passado cerca de um ano após seu retorno da segunda viagem. Reuniram-se então para se despedirem novamente do velho apóstolo, entregando-o “aos cuidados de Deus”¹¹⁵. Seria a última vez que Paulo estaria na companhia daqueles irmãos.

Paulo inicialmente repetira o mesmo percurso que fizera da segunda vez. A intenção era visitar os santos das igrejas que fundou. Sua alegria foi grande ao ver o quanto as igrejas haviam crescido e se fortalecido, pois vira ali os resultados de seu esforço. Viu também que junto à igreja que crescia, aparecia o joio¹¹⁶. “O trabalho não era mais uma questão de plantar a semente, mas de arrancar o mato. Muitas vezes ergueram-se para desviar os cristãos da pureza da fé”¹¹⁷.

De Antioquia, Paulo passou pela região da Galácia e Frígia. Cumprindo a promessa feita aos efésios no fim da segunda viagem, retornou a Éfeso, permanecendo “dois anos e três meses”¹¹⁸. De Éfeso, partiu para Trôade, não ficando ali seguiu para a Macedônia, visitando

¹¹⁵ BALL, Op. Cit., p. 80.

¹¹⁶ BALL, Op. Cit., p. 81.

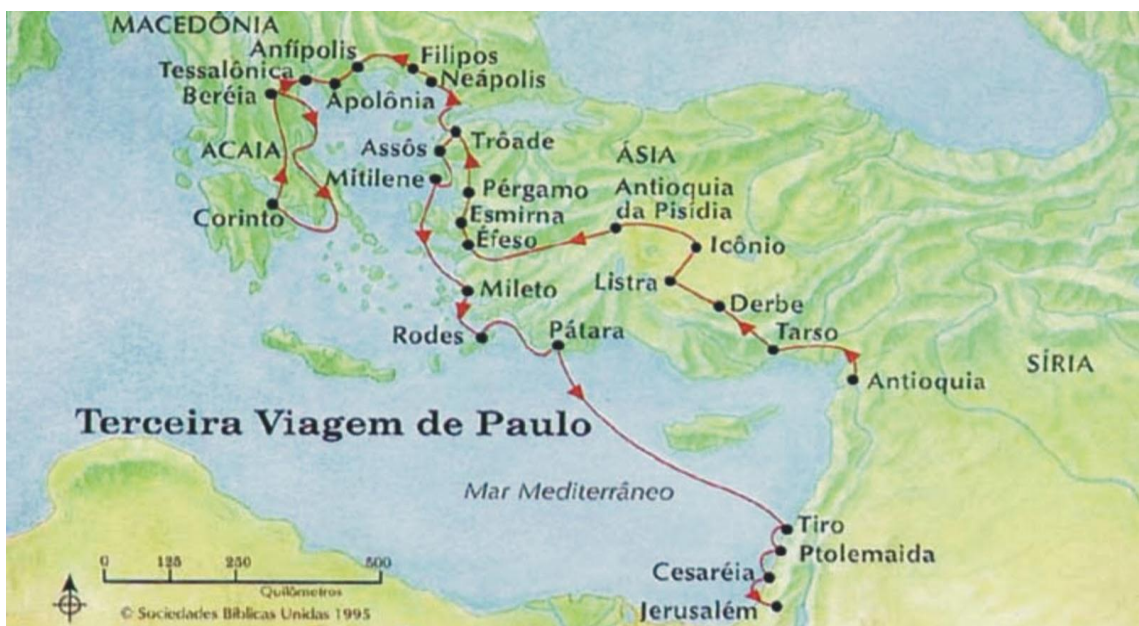
¹¹⁷ Ibid., p. 81.

¹¹⁸ GUNDRY, Op. Cit., p. 394.

as várias comunidades daquela província (Filipos, Tessalônica e Beréia). Foi adiante até que chegasse a Corinto, lá passou certo tempo e depois retornou para a Macedônia, desistindo de ir a Jerusalém, sabendo que judeus desejavam lhe matar ¹¹⁹.

Saindo da Macedônia, foi navegando para Trôade. Nesta cidade, ocorreu o episódio do jovem que caíra da janela durante a pregação de Paulo. De lá continuou sua viagem por terra e água até chegar a Mileto, onde chamou os anciãos de Éfeso, para despedir-se ¹²⁰. De lá, Paulo atravessou o mar para o lado da Palestina até chegar à cidade de Tiro, onde foi avisado pelo Espírito que não seguisse para Jerusalém ¹²¹. Ele e seus companheiros continuam a viagem, parando para visitar os irmãos em Ptolomaida e Cesaréia onde se encontrava Ágabo, hospedado na casa de Filipe. Lá Ágabo lhe disse o que lhe aconteceria, caso fosse a Jerusalém.

O aviso não interfere os seus planos, estando determinado a completar a tarefa de entregar aos irmãos judeu-cristãos, as ofertas recolhidas nas igrejas por onde passou. Chegando a Jerusalém, é recebido calorosamente pelos irmãos.



(Encontrado em: [googleusercontent.com/--ZP4mFzY82s/TY1s1vUMyKI/AAAAAAAAADM/2Mp7KmTMIxA/s1600/paulo+3..](https://www.googleusercontent.com/--ZP4mFzY82s/TY1s1vUMyKI/AAAAAAAAADM/2Mp7KmTMIxA/s1600/paulo+3..) em: 27/01/2015 as 15:08 hs.)

¹¹⁹ Ibid., p. 394.

¹²⁰ Ibid., p. 394.

¹²¹ Ibid., p. 394.

Em todas as viagens, Paulo contou com ajuda de muitos colaboradores, alguns estiveram com ele percorrendo por varias cidades. Barnabé, Marcos, Silas, Timóteo, Lucas, Tito, Áquila e Priscila, são alguns dos que o ajudaram fazer dele o grande missionário que conhecemos hoje.

Quanto às datas da realização das viagens são um tanto indefinidas, Roberth H. Gundry esboça as datas prováveis das viagens: “Primeira viagem missionária (46-48 d. C.); Segunda viagem missionária (49-52 d. C.); e Terceira viagem missionária (53-57 d. C.)”¹²².

¹²² GUNDRY, Op. Cit., p. 391.

4 PAULO, MODELO DE PLANTADOR DE IGREJA

Paulo foi um exímio pregador e anunciador do evangelho de Cristo. Ao nos voltarmos para a época do antigo testamento podemos verificar que os Judeus se achavam autossuficientes, a tal ponto que somente eles eram dignos das bênçãos do Senhor. No entanto, Paulo unifica e torna o cristianismo aberto a todos os povos por meio da Cruz.

Paulo, depois que se converteu se tornou um modelo de plantação de igrejas, sendo ele um modelo produtivo e eficaz, capaz de servir como modelo e inspiração para quem almeja tão árdua missão. Paulo, mesmo depois de sua conversão permaneceu com os mesmos aspectos farisaicos, e usou desse recurso para transformar o que antes era usado contra o povo de Deus para ser uma ferramenta para alcançar os perdidos.

Pode-se observar que o apóstolo Paulo se sente desafiado em precisar defender a sua experiência de conversão e mais, seu chamado ao ministério. Paulo ao defender o seu apostolado diz que não foi homem algum que revelou a ele as insondáveis obras de Cristo, mas o próprio Senhor Jesus foi o quem revelou. Jesus transformou a sua vida de tal maneira que ao invés de perseguir o povo de Israel, passou a ser o maior pregador e missionário de todos os tempos.

O apóstolo Paulo inicia ressaltando que seu ministério apostólico foi preparado e comissionado pelo próprio Cristo. Ele prega o Cristo prometido pelos profetas no Antigo Testamento, Sua linhagem real davídica, e que Seu chamado foi selado pelo Espírito Santo no ápice, através da Ressurreição dentre os Mortos.

4.1 AS MOTIVAÇÕES DE PAULO

Pergunta-se sobre o que levaria um homem promissor, conhecido e respeitado no meio em que trabalhava a deixar tudo e ser tornar pregador do evangelho? Ele não estava atrás de fama e nem reconhecimento, pois certamente ele sabia que iria ser perseguido e até morto por causa disso. Então o que levou ele a deixar o seu trabalho e processo de crescimento, pelo recomeço de um novo e desafiador trabalho?

Certamente o que lhe movia não era nada de prosperidade seja ela qual fosse, pois dificilmente alguém que procurava somente essas coisas iria suportar a angústia, os sofrimentos e perseguições pelo qual ele passou. A pergunta que nos move então é: quais eram as motivações de Paulo? Pois era óbvio que Paulo precisava estar motivado para sair a evangelizar, plantando igrejas e organizar comunidades, enfrentando as dificuldades e perseguições. Neste caso se faz necessário destacar algumas destas motivações.

4.1.1 O conhecimento da palavra de Deus

Algo que certamente influenciou diretamente na decisão do apóstolo Paulo para sair evangelizando, fazendo missões e plantando igrejas, era as suas convicções a respeito da palavra de Deus. Ele como se sabe era um exímio conhecedor dos textos originais da cultura presente da época, o que faltava era a sua conversão que ocorrera na estrada de Damasco quando ele teve um encontro com o Senhor Jesus.

Paulo deve ter entendido através de uma observação do que estava acontecendo e as profecias feitas ao povo de Deus, a nação de Israel, descritas nas sagradas Escrituras do AT, sobre o surgimento do Messias, que o tempo em que estava vivendo, tratava-se de um novo tempo, um tempo escatológico. Ele entendeu que os últimos dias haviam chegado (cf. I Co 10.11) e a missão de anunciar o evangelho deveria ser iniciada o quanto antes.

4.1.2 Igreja, a plenitude das promessas de Deus

Também fazia parte de seu entendimento, levando em consideração o seu conhecimento, que a Igreja era a plenitude das promessas de Deus. Paulo via a Igreja como uma grande comunidade de Deus e que isso era plano do Senhor. Essa compreensão o motivava a sair plantando igrejas, para onde fosse.

O entendimento de que o evangelho deveria seguir até os confins da terra, foi outro fator determinante na vida do apóstolo Paulo. Esse entendimento fica bem claro no texto de

1Tm 2.4, quando ele mesmo diz: “o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade”. Neste texto ele revela não somente a vontade de Deus, mas também, o que lhe importava fazer.

4.1.3 A certeza do chamado de Deus

O terceiro motivo que impulsionava o apóstolo Paulo a fazer missões e plantar novas igrejas, era sua total certeza de ter sido chamado pelo Senhor para tal missão. É possível encontrar em muitas ocasiões o próprio apóstolo fazendo defesa de seu chamado para esta missão (Rm 1:1, 1Co 1:1, 2Co 1:1, Gl 1:1, Ef 1:1, Cl 1:1, 1Tm 1:1, 2:7; 2Tm 1:1, 1:11; Tt 1:1).

Demonstrando não só convicção, mas também entendimento e comprometimento com tal comissionamento, Paulo se intitulava servo do Senhor (cf. Fl 1:1), além de afirmar ser prisioneiro de Jesus Cristo (cf. Fm 1), e mesmo diante das muitas provações que tivera que enfrentar, como as perseguições e ameaças de morte, a certeza de seu chamado não o permitia olhar para traz e muito menos desistir de cumprir com a sua missão.

Com grande dedicação e total desprendimento de sua vida secular, o apóstolo Paulo buscava alcançar o maior número possível de lugares e conseqüentemente de pessoas, pois havia consigo grande preocupação de que todos pudessem conhecer e receber as Boas Novas de Jesus. Segundo Augustus Lopes, “o alvo de Paulo era o mundo, os gentios, o remanescente fiel, o maior número possível de eleitos, onde os pudesse encontrar. Essa visão, impossível de ser medida em números, fazia parte da motivação de Paulo em sair plantando igrejas ao longo de seu ministério”¹²³.

4.2 AS ESTRATÉGIAS DE PAULO

Paulo era um desbravador do evangelho, não se importava com os riscos e nem se incomodava com o que as pessoas iam falar a respeito do que ele estava anunciando, hoje não é o que se veem no meio da igreja, pessoas querem pregar e falar do evangelho, contudo

¹²³ LOPES, Augustus Nicodemos. **Paulo, plantador de igrejas: repensando fundamentos bíblicos na obra missionária**. IN: Fides Reformata. São Paulo: Seminário Presbiteriano Rev. José Manuel da Conceição. Vol II, nº 2, 1997, p. 11.

esperam receber igrejas prontas e com recursos para que ele possa unir os dois lados, o lado cristão e também o lado social.

O apóstolo Paulo por si só já seria capaz de pregar o evangelho usando as suas faculdades mentais, como se sabe, ele era um grande estudioso e intelectual de sua época, um doutor capaz de entrar e sair em qualquer ambiente sócio-político existentes na época, para tanto, era preciso ter algumas estratégias para pregar o evangelho de forma eficaz e que fosse capaz de transforma a vida dos ouvintes.

4.2.1 Paulo escolhia cidades estratégicas

Motivado pelas suas convicções, o apóstolo Paulo traça planos, métodos e estratégias que possam ser eficazes na sua missão. Por entender que o Evangelho deveria chegar aos quatro cantos da terra o quanto antes, já não poderia se limitar a anunciar Cristo apenas no local onde estava.

Ao decidir sair de onde estava para fazer missões, foi estratégico ao ponto de focar seu trabalho nas principais cidades das províncias do Império Romano, usando-as como base para o alcance de toda a região. Foi assim, quando se estabeleceu nas cidades das províncias da Macedônia, Galácia, Acaia e Ásia Menor, onde as percorreu plantando igrejas, pois tinha convicção de que a partir desses lugares, o evangelho iria se espalhar com maior rapidez por todos os lugares possíveis de se chegar naquela época.

Os lugares escolhidos pelo apóstolo Paulo, geralmente apresentavam características semelhantes uma das outras, estabelecendo-se em lugares cuja localização geográfica lhe fosse favorável, sendo eles grandes centros econômicos, além de posições religiosamente importantes, onde também havia grande circulação de pessoas de varias partes do mundo, possibilitando o alcance de lugares bem mais distantes sem ao menos ter ido neles. Paulo sabia que igrejas plantadas nessas cidades seriam importantes para a propagação do Evangelho para todo o mundo.

4.2.2 Os lugares que Paulo pregava

Sempre que chegava a uma cidade, Paulo logo procurava uma sinagoga como ponto de partida para o anuncio do Evangelho. Com o objetivo de comunicar a vinda do Messias, o salvador prometido aos judeus a partir das profecias do Antigo Testamento, a sinagoga seria o

local mais apropriado para o início das suas atividades, pois era nesse ambiente religioso, que ele iria encontrar o primeiro público provável a interessar-se pela sua mensagem, que eram os judeus e simpatizantes da fé judaica que eram aceitos pelos judeus, que junto com eles se reuniam para orar e estudar a lei.

Paulo não pregava o evangelho apenas nas sinagogas, onde estavam presentes grandes autoridades rabínicas, mas fazia também, um trabalho de visitação e pregava em casas privadas (cf. At 18.7; 20.7-11), pregava em lugares abertos como praças públicas (cf. At 17.16-34) e também ia a lugares aonde pessoas não iam e mesmo que estivesse nessas condições teriam medo de anunciar o evangelho, a prisão (cf. 18.30; Fl 1.12) ¹²⁴.

No livro de Atos 19.9 se observa que o apóstolo Paulo alugava salas públicas para falar a respeito de Cristo. Algo muito interessante era que ele utilizava do seu trabalho artesanal para atuar como missionário (cf. 1Ts 2.9), com esse trabalho ele ganhava mais recursos para pregar o evangelho em diversas áreas. Não se pode esquecer que houve muitos colaboradores com o trabalho dele, inúmeras igrejas do qual era fundador ou ajudador e até mesmo grupos que ouviram falar a respeito o ajudavam a manter esse trabalho.

4.2.3 Paulo estabelecia igrejas locais e preparava líderes

À medida que Paulo ia pregando o Evangelho e muitas pessoas rendiam-se a sua mensagem, convertendo-se a Cristo, logo, ele os organizava em comunidades, e fundando as primeiras igrejas, chamadas de igrejas locais. Com o propósito de fortalecê-las e edificá-las, Paulo lhes ensinava a celebrar a Ceia, os incentivando a cultua a Deus e se a se envolverem na propagação do Evangelho. “Paulo os batizava, elegia presbíteros dentre eles a quem encarregava do rebanho (At 14.21-23), e depois de algum tempo voltava para supervisioná-los (At 15.36; 16.4-5; 18.23)” ¹²⁵.

A missão do apóstolo Paulo era grandiosa e não se limitava em apenas comunicar o Evangelho da salvação, mas também, de edificar comunidades cristãs, equipando-as, fazendo com que os novos crentes, tivessem uma nova vida, uma transformação que envolveria não somente o seu pensamento, mas o seu cotidiano.

Augustus Nicodemos Lopes ressalta:

¹²⁴ SCHENELLE, Op. Cit., p.181.

¹²⁵ LOPES, Op. Cit., p. 14.

Aqui temos um ponto muito importante. O objetivo de Paulo não era apenas declarar ou anunciar o evangelho – ele queria *persuadir* as pessoas, queria convencê-las, ganhá-las para Cristo, e após isto, organizá-las em igrejas e discipliná-las. Isso fazia parte de seu alvo maior, que era ver a Igreja de Cristo edificando-se pela expansão e fortalecimento. Paulo nos ensina com isso que não podemos ficar satisfeitos apenas com uma mera proclamação. Havemos de instar com os homens, persuadi-los, forçá-los (no sentido bíblico) a entrar no Reino de Deus.

Paulo cumpria muito bem o seu papel de apóstolo, de mensageiro, missionário, mas isso, de pouca serventia teria se não houvesse os resultados do seu tremendo esforço. As igrejas fundadas e edificadas por ele são muito mais do que o reflexo de sua dedicação e esforço, é a prova de que era a pessoa certa para essa importante missão em sua época, e mais ainda, é a certeza de que aquele que o arregimentou esteve todo o tempo diante de sua missão, pois “o crescimento, afinal, vinha de Deus”¹²⁶.

4.3 O DIFERENCIAL DA MENSAGEM DE PAULO

De tantas características importantes a serem mencionadas sobre o apóstolo Paulo, uma não poderia ser esquecida, a forma como pregava. A pregação de Paulo o destacava e o diferenciava de muitos. Só a eloquência e o seu grande conhecimento sobre as Sagradas Escrituras já seriam o suficientes para destacá-lo, mas outro fator fazia um grande divisor de águas entre ele e outros que se intitulavam apóstolos de Cristo e questionavam o seu apostolado, assim como os seus ensinamentos e doutrinas.

A pregação do evangelho pelo apóstolo Paulo ficou marcada pela presença do Espírito Santo. Ele foi desde o principio da sua mudança de direção, moldado, preparado e influenciado pelo poder do Espírito Santo. A começar pela sua conversão onde também foi vocacionado, passando pelo período onde esteve na Arábia e o momento em que recebeu junto com Barnabé a missão de fazer discípulos além do alcance dos seus olhos quando ainda estava na igreja de Antioquia (At 13:2), assim como o enviou para o inicio da missão (13:4).

¹²⁶ LOPES, Op. Cit., p. 15.

Sob a referência de At 9.17, podemos ver que já havia uma promessa para vida do apóstolo Paulo de um enchimento do Espírito Santo. Já em At 13.9 a confirmação de que Paulo foi cheio do Espírito. E foi assim durante toda a sua jornada, a constante manifestação do Espírito Santo em sua vida, era da onde vinha todo o amparo para a sequência da sua missão. Em At 13.52, Paulo e Barnabé eram motivados e em At 16.6-7, vemos um exemplo de como o Espírito lhe orientava.

O apóstolo Paulo mantinha um equilíbrio entre o ele e o que ele pregava, sempre pregou Cristo crucificado e que se fosse preciso morreria por essa causa e não levaria em conta as consequências que iria passar por causa disso, tudo para ele era lucro e nada iria o fazer parar de pregar e anunciar a Cristo. Isso era uma estratégia muito bem usada por ele, às pessoas viam nele uma reverência e se encantavam pelo zelo e respeito que ele tinha pelo evangelho, a visível manifestação do Espírito Santo em sua vida, a forma responsável e séria com que ele anunciava e pregava o evangelho.

Por muitas vezes Paulo pregou com lágrimas, debaixo de muita perseguição, mas o Espírito o encorajava. Com a verdade das Escrituras alcançou muitas pessoas e pelo Espírito conseguiu conquistar muitas vidas para Cristo. A sua dependência era em Cristo, usou as ferramentas das quais ao longo de sua vida foi equipado, como seus argumentos lógicos e racionais, mas tudo sob a orientação do Espírito Santo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema em destaque foi a vida e o ministério de Paulo, apesar do apóstolo ser o mais estudado e mais lido da história ainda há muito que se discutir a respeito de como ele conseguiu pregar o evangelho de forma tão eficaz, sem dúvida esse é um momento de pensarmos e analisarmos tudo o que foi estudado até aqui. Deve-se ponderar os aspectos históricos apresentados aqui, levando em conta sempre o contexto abordado.

Ao analisarmos tudo o que foi apresentado aqui, é de extrema importância considerar os princípios norteadores para um trabalho missionário, Paulo usava estratégias que muitas vezes são ignorados pelas igrejas atuais, para isso o desafio desse trabalho, é de mostrar que é preciso muitas vezes agradar, gregos e troianos para que o nome de Cristo seja engrandecido.

A evangelização no mundo é uma responsabilidade que o Senhor outorgou a sua igreja (Mt 16.15; 28.19-20; At 1.8), contudo, muitos crentes e até pastores tem ignorado isso, achando que isso é apenas uma opção e sabemos que não é verdade. Quando se faz uma pesquisa a respeito da igreja do primeiro século, percebe-se que ela cumpriu de forma satisfatória o seu dever de anunciar a Cristo Jesus.

Paulo foi um perfeito exemplo de como tratar a obra missionaria, ele teve coragem para passar pelas fronteiras, pelas quais só encontrou lutas, adversidades e muitas perseguições. Ele mostrou ousadia não se intimidando em defender as suas convicções, pensamentos, que em varias ocasiões encontrou contraposição até mesmo entre os seus irmãos da fé. Também mostrou destreza, como alguém que foi preparado, como foi de fato, para executar com competência a missão para qual foi chamado e vocacionado, tornando-se então em uma referencia para todos que como ele foram chamados para essa belíssima missão até os dias de hoje.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BALL, Charles Ferguson. **A vida e a época do apóstolo Paulo**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.
- BECKER, Jurgen. **Apóstolo Paulo, vida, obra e teologia**. São Paulo: Ed. Academia Cristã, 2007.
- CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos séculos**. São Paulo. Vida Nova, 1995.
- CHAMPLIN, Russell Norman. **O novo testamento interpretado: Versículo por versículo**, Vol. III – Atos/Romanos. São Paulo: Editora e Distribuidora Candeia, 1998.
- COENEN, Lothar. BROWN, Coun. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- DUNN, James D. G.. **A Nova Perspectiva Sobre Paulo**. Santo André - SP: Academia Cristã, 2011.
- GREEN, Michael. **Evangelização na igreja Primitiva**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1970.
- GUNDRY, Roberth H.. **Panorama do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2003.
- LOPES, Hernandes Dias. **Atos: a ação do Espírito Santo na vida da igreja**. São Paulo: Hagnos, 2012.
- LOPES, Augustus Nicodemos. **Paulo, plantador de igrejas: repensando fundamentos bíblicos na obra missionária**. IN: Fides Reformata. São Paulo: Seminário Presbiteriano Rev. José Manuel da Conceição. Vol II, nº 2, 1997.
- Onerdcristao.com.br/blog.
- POLLOCK, John. **O Apóstolo**. São Paulo: Vida, 1998.
- SCHNELLE, Udo. **Paulo: vida e pensamento**. São Paulo: Paulus, 2010.
- SHEDD, Russel P. **Missões, vale a pena investir?** São Paulo, Vida Nova, 2013.
- UTLEY, Bob. **Comentário Bíblico de Atos: Lucas o Historiador - Vol. 3B**. Marshall - Texas: Lições Bíblicas Internacional, 2010.